

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica

Jullie Maggesi

DE CAMÕES A DRUMMOND, POESIA PARA QUÊ?
Refletir o Gênero Poético por meio de tecnologias digitais

Rio de Janeiro
2020



Jullie Maggessi

DE CAMÕES A DRUMMOND, POESIA PARA QUÊ?
Refletir o Gênero Poético por meio de tecnologias digitais

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas de Educação Básica.

Orientadora Professora: Dra. Aira Suzana Ribeiro
Martins

Coorientadora: Professora Dra. Edite Resende
Vieira

Rio de Janeiro
2020

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

M193 Maggesi, Jullie
De Camões a Drummond, poesia para quê? Refletir o Gênero Poético por meio de tecnologias digitais / Jullie Maggesi. – Rio de Janeiro, 2020. 87 f.

Inclui produto educacional: “Poema? Para que? Caderno de atividades”.

Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.
Orientadora: Aira Suzana Ribeiro Martins. Coorientadora: Edite Resende Vieira.

1. Literatura brasileira – Estudo e ensino. 2. Poesia. 3. Letramento literário. 4. Multimodalidade. 5. Tecnologia digital. I. Martins, Aira Suzana Ribeiro. II. Vieira, Edite Resende. III. Colégio Pedro II. IV. Título.

CDD: B869.91

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves da Silva. CRB-7: 5692.

Jullie Maggessi

DE CAMÕES A DRUMMOND, POESIA PARA QUÊ?
Refletir o Gênero Poético por meio de tecnologias digitais

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas de Educação Básica.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Professora Dr.^a Aira Suzana Ribeiro Martins (Orientadora)
MPPEB do Colégio Pedro II

Professora Dr.^a Edite Resende Vieira (Coorientadora)
MPPEB do Colégio Pedro II

Professora Dr.^a Alda Maria Coimbra Aguiar Maciel
MPPEB do Colégio Pedro II

Professor Dr. Luiz Guilherme Ribeiro Barbosa- Colégio Pedro II

Professor Dr. José Mario Botelho – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP-UERJ
Membros suplentes:

Prof.^a Dr.^a Darcília Marindir Pinto Simões- Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras/
UERJ

Prof. Dr. Jorge Luiz Marques de Moraes -Mestrado Profissional em Práticas da Educação
Básica – MPPEB/CPII

Rio de Janeiro
2020

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me guia com amor imensurável.

À minha filha, Sophie Maggessi Vieira, essência da minha existência.

Ao meu marido, Rafael Resende Vieira, por todo amor, por ser meu companheiro, estar ao meu lado e permitir que a vida seja plena.

Aos meus pais, José Maggessi Pereira e Wilma Izascun Pereira, por toda abdicção, amor e exemplo para que eu me tornasse a professora que sou hoje.

Ao meu irmão, Allan Maggessi, e à minha cunhada, Nathalia Borges Maggessi, pela parceria de vida. Pelo presente que é nosso Amor, Gabriel Borges Maggessi.

À minha avó, Maria Izascun Berruezo, por todo amor e por ser alicerce nessa construção de vida.

À minha tia, Leighanne Teixeira, por estar ao meu lado sempre com amor.

À minha Sogra, Edite Resende Vieira, pelo carinho e afeto que sempre tivemos em dezoito anos de convivência.

À minha amiga, Grazielle Soares, pela amizade incondicional e pelo exemplo de ser humano.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Aira Suzana Ribeiro Martins, pela confiança que sempre demonstrou em mim, por todo conhecimento compartilhado, por todo empenho, amizade e carinho.

À minha coorientadora, Profa. Dra. Edite Resende Vieira, pelo comprometimento com o saber, pelo incentivo e pela confiança.

À Prof.^a Dr.^a Alda Maria Coimbra Aguilar Maciel, ao Prof. Dr. Luiz Guilherme Ribeiro Barbosa, ao Prof. Dr. José Mario Botelho por contribuírem com o meu aprendizado durante esta dissertação, por todo empenho destinado à Educação, deixo, aqui, registrada a minha gratidão.

Ao corpo docente do MPPEB por transformar meu conhecimento e ampliar a minha visão sobre a Educação. Muito obrigada, queridos professores.

RESUMO

MAGGESSI, Jullie. **De Camões a Drummond, poesia para quê?** Refletir o Gênero Poético por meio de tecnologias digitais. 2020. Dissertação (Mestrado em Práticas de Educação Básica) - Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2020.

Este estudo teve como objetivo geral Analisar em que medida o uso de tecnologias digitais poderá auxiliar os alunos do 1º ano do Ensino Médio na construção da significação do poema. Essas dificuldades, possivelmente, prejudicam a expansão dos conteúdos de Linguagens, como Redação e Língua Portuguesa. Esse fato tem sido observado pela pesquisadora, que leciona Língua Portuguesa e Literatura, em um colégio da rede privada do Rio de Janeiro. Para fundamentar esta investigação, seguiram-se os estudos de Marcuschi (2008) sobre análise de gêneros textuais, as de Rojo (2015, 2013, 2012) sobre hipermodernidade e tecnologia, as de Bunzen e Mendonça (2013), as de Moreira e Kramer (2007) e as de Bairral et al. (2015) sobre a tecnologia digital. A investigação em pauta, de natureza qualitativa, será desenvolvida com características de uma pesquisa-ação. Os alunos poderão explorar os conteúdos apresentados na aula expositiva, a qual abordará diferentes características do gênero poético, e poderão construir vídeos com as releituras dos poemas trabalhados em sala de aula. A análise interpretativa, à luz da teoria selecionada, pôde apresentar as contribuições na elaboração de atividades que possibilitarão o estudo do gênero poético e o uso de tecnologia digital na interpretação crítica e significativa do poema. Como produto final da presente pesquisa, foi elaborado um caderno de atividade para ser aplicado com turmas do primeiro ano do Ensino Médio.

Palavras-chave: Gênero Poético; Tecnologia Digital; Multimodalidade; Letramento Literário.

ABSTRACT

MAGGESSI, Jullie. **From Camões to Drummond, poetry for what?** Reflect the Poetic Genre through digital technologies. 2020. Dissertation (Master's course in Basic Education Practices) – Colégio Pedro II, Dean's Office of Postgraduation, Research, Extension and Culture, Rio de Janeiro, 2020.

This study aimed to analyze the extent to which the use of technologies can assist students in the 1st year of high school in building the meaning of the poem. These difficulties possibly hinder the expansion of Language contents, such as Writing and Portuguese Language. This fact has been observed by the researcher, who teaches Portuguese Language and Literature, in a private school in Rio de Janeiro. To support this investigation, we followed Marcuschi's (2008) studies on textual genre analysis, Rojo's (2015, 2013, 2012) on hypermodernity and technology, those by Bunzen and Mendonça (2013), those by Moreira and Kramer (2017) and those of Bairral *et al.* (2015) on digital technology. The research on the agenda, which is of qualitative nature, will be developed with characteristics of an action research. The students will be able to explore the contents presented in the expository class, which will address different characteristics of the poetic genre, and will be able to build videos with the reinterpretations of the poems worked in the classroom. The interpretative analysis, in the light of the selected theory, could present the contributions in the elaboration of activities that will enable the study of the poetic genre and the use of digital technology in the critical and significant interpretation of the poem. As a final product of this research, an activity notebook was prepared to be applied to classes in the first year of high school.

Keywords: Poetic Genre; Digital Technology; Multimodality; Literary Literacy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Perfil público da rede social Instagram.....	20
Figura 2 – Perfil público da rede social Instagram.....	20
Figura 3 – Perfil público da rede social Instagram.....	21
Figura 4 – Perfil público da rede social Instagram.....	21
Figura 5 –Esquema de atividades.....	30
Figura 6 – Perguntas da atividade 01.....	31
Figura 7 – Perguntas da atividade 02.....	32
Figura 8 – Perguntas das atividades 03 e 04.....	33
Figura 09 - Reportagem sobre o rompimento da barragem de Brumadinho.....	51
Figura 10 - Perfil público da rede social Instagram.....	53
Figura 11- Perfil público da rede social Instagram.....	53
Figura 12 - Perfil público da rede social Instagram.....	54
Figura 13 – Sequência de atividades.....	81
Figura 14 – Apresentação do caderno de atividades.....	82

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	166
2.1 Por que estudar os gêneros textuais?	166
2.2 Por que utilizar a tecnologia?	222
3. METODOLOGIA PROPOSTA:	28
3.1 Definindo/Apresentando a proposta de atividade	29
3.2 As Atividades	30
3.3 Seleção dos sujeitos.....	366
4. A LEITURA LITERÁRIA	38
4.1 Refletindo criticamente	38
4.2 Qual a importância da poesia?	433
5. POESIA E TECNOLOGIA	47
5.1 O Gênero Poético na mídia digital	48
5.2 A mídia, o poema e a crítica social	53
5.3 A multimodalidade e o poema	57
5.4 A educação na contemporaneidade.....	743
6. PRODUTO EDUCACIONAL	78
6.1 Definindo a atividade.....	78
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS	854

1. INTRODUÇÃO

Quando ingressei na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro fui apresentada a um universo envolvente e instigante. Tive grandes Mestres que me ensinaram sobre o que é a Literatura, sobre as leituras e o mundo, sobre como ler o mundo e, ainda, se existe uma leitura que nos faça perceber o mundo. Há, na Faculdade de Letras, algo que nos invade de maneira permanente, que é o legado deixado por aqueles que são apaixonados pela ficção. Aprendi, assim, a me encantar diante da transformação que a ficção pode produzir em nossas realidades. Lembro-me das aulas que tive com grande entusiasmo, não me esqueço da sensação de satisfação que tinha ao estar na sala de aula, ouvindo grandes saberes sobre a Literatura. Ao chegar ao quinto período da Faculdade, fiz o primeiro concurso para trabalhar com a monitoria de alunos de um colégio da rede privada de ensino. E, assim, iniciei minha prática na sala de aula. Saía eu, então, do encantado mundo das Letras para a sala de aula.

Sempre tive certa aversão a clichês, mas a vida ensinou-me a aceitá-los: “mas teoria é uma coisa e prática é outra”. Sim, dentro da sala de aula a leitura era superficial. Como monitora, tive de dar aula em todos os anos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, com conteúdos distintos e, muitas vezes, sem conhecer a turma ou os alunos individualmente. O que isso trouxe de bom? O contato com muitos alunos, muitas turmas e uma certeza de que a prática da leitura e, principalmente, a leitura do poema era pouquíssima. Toda aquela atmosfera envolvente que presenciei na Faculdade de Letras não era a minha realidade dentro de sala de aula. Eu me sentia extremamente angustiada com a falta de interesse dos alunos pela leitura e tinha certeza de que gostaria que meus alunos pudessem considerar a Literatura como algo importante para as suas vidas, assim como eu a considero.

Já licenciada, assumi minhas turmas de Fundamental II e Ensino Médio. A percepção que tive dos meus alunos foi a mesma de quando era monitora, ou seja, meus alunos não liam e não gostavam de ler poemas. O que fazer então para que meus alunos gostassem de ler e, principalmente, ler poemas? Ler! Ler para eles foi o princípio de tudo. Foi o início de um projeto que ainda estava longe de ser um projeto para mim. Ler poemas para meus alunos e fazê-los ler poemas foi o que fez com que eu percebesse que era possível agir em busca de uma mudança de perspectiva por parte dos partir das leituras em sala dos poemas, pude constatar que é preciso envolver o aluno dentro das redes dos poemas para somente depois, mostrar-lhe o seu estudo, sua composição, suas características, seus estilos, suas figuras de linguagens, suas rimas, suas métricas e assim por diante. Começamos a gostar de ler porque alguém nos lê algo do qual gostamos. Ou seja, há um interesse envolvido no processo de “gostar de algo”. Era preciso

demonstrar que existia um sentido para a leitura e era necessário envolver os alunos no processo não só de leitura, mas de criação e participação. O que eu desejava, em princípio, era despertar o interesse dos alunos e, para isso, busquei na tecnologia digital uma forma de motivá-los e de envolvê-los, já que estamos vivendo em uma sociedade que observa e vivencia experiências por uma nova perspectiva que é o ambiente virtual. A partir daí eu comecei a refletir sobre uma forma de integrar as possibilidades que as tecnologias digitais oferecem para o campo educacional com as aulas de Literatura.

Percebi, então, que precisava sistematizar esse meu pensamento e juntar a teoria à prática, e, assim, ingressei no Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II (MPPEB) para que eu pudesse dar continuidade à minha busca em aprimorar o fazer pedagógico.

Minhas experiências e as disciplinas do curso de Mestrado amadureceram a antiga inquietação de auxiliar meus alunos na leitura e análise crítica do poema. Esse cenário, juntamente com as minhas experiências pessoais, profissionais e acadêmicas, motivou-me a desenvolver uma pesquisa, integrando as tecnologias digitais como ferramenta na leitura e análise crítica do poema, para que a relação entre a poesia e a tecnologia seja presente no cotidiano do aluno que chega ao Ensino Médio e apresenta uma grande curiosidade sobre o novo mundo que o rodeia: as relações sociais, os novos espaços, as diferentes formas de tratamento que recebem em seus colégios (por conta de uma pseudomaturidade) e, finalmente, sobre disciplinas que até então não conhecia. Esse interesse pela Literatura nos chama muita atenção ao iniciar um ano letivo na primeira série do Ensino Médio. Essa ênfase do aluno pela disciplina, percebida através do seu contato com os assuntos e de seus questionamentos sobre a disciplina, como se não a conhecesse nos levou a refletir sobre o porquê dessa atitude. Se imaginarmos que o aluno trabalha com textos desde que ingressou na vida escolar não deveria haver tamanho estranhamento quando se trata do estudo dos textos, mais especificamente, o estudo do texto poético.

Observamos que, usualmente, o poema é um gênero pouco visto em sala de aula. Nos livros didáticos, o poema aparece, geralmente, como leitura complementar, algo para entreter o aluno, não para ser comentado, analisado ou admirado. A leitura desse texto vai depender da sensibilidade do professor em chamar atenção para a beleza ou originalidade do poema. (MARTINS, 2016, p. 155)

O trabalho com o texto poético é, então, muitas vezes, negligenciado, não havendo uma relação entre o cotidiano do aluno e a poesia. Quando não se percebe a existência de um sentido

no texto, não há como haver interesse por parte do aluno. É preciso que aquele conteúdo seja transformador da sua realidade e assim se faça presente em sua formação como cidadão.

[...] A memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico. (FREIRE, 2015, p. 67)

É, justamente, de modo mecânico que se costuma abordar o poema, fazendo-se uma leitura que paira superficialmente pelas suas representatividades. O aluno não aprende, dessa forma, a refletir criticamente sobre o texto e, muito menos, considerar que aquela leitura possa fazer parte de seu dia a dia.

Ao adentrarmos no estudo do poema, o aluno perde a curiosidade inicial e a questão que, até agora, apresentou-nos como promissora de bons resultados, começa a tecer seu rumo ao oposto. Uma vez passado o frescor do momento, os alunos logo caem na mesma frequência estanque do desinteresse e passam a evitar a leitura de um poema. Essa questão nos incomoda e nos levou ao objeto de estudo desta pesquisa. Os alunos não se sentem capazes de se apropriarem do gênero poético. Acreditam a poesia seja algo inalcançável feita de armadilhas linguísticas.

Buscando formas de demonstrar que a poesia é acessível a todos e com o objetivo de alcançar seu poder transformador, fomos buscar na tecnologia um recurso, uma ferramenta, que promovesse a participação ativa do aluno no estudo do poema.

Nessa nova realidade, as tecnologias digitais estão entrando na Educação pela necessidade de transpor as fronteiras do educar convencional, tornando-se um dos domínios de trabalho interdisciplinar mais desafiador, que proporciona às escolas uma forma inovadora de trabalhar, de acordo com Vieira e Lobo da Costa (2014).

O potencial das tecnologias digitais e, em particular, do computador em ambientes educacionais gera um novo envolvimento com a aprendizagem; surgindo assim novos desafios, novas ideias e novos caminhos de construção de conhecimento e desenvolvimento do pensamento. (VIEIRA, 2013, p. 26)

Com base na proposta de Vieira e Lobo da Costa (2014), de novos caminhos de construção do conhecimento por meio das tecnologias digitais, baseia-se a construção deste estudo, que busca verificar em que medida o uso da tecnologia digital possibilita a participação ativa do aluno na aprendizagem do poema.

Dessa forma, acreditamos que o uso da tecnologia digital, como uma ferramenta, no estudo do poema, desperte o interesse do aluno, desmitificando a ideia de que a

poesia deve ater-se a um contexto erudito e, ao mesmo tempo, contextualizando esse gênero textual no cotidiano do aluno, ou seja, em seu mundo digital.

A importância dessa contextualização é necessária, para que haja uma ligação entre o conteúdo da disciplina e a vivência do aluno. Provocar o pensamento crítico é papel fundamental desempenhado pelo professor e acreditamos que, para isso, seja necessário provocar a ação, a participação ativa em nossos alunos:

O estudante é o centro de um processo que deverá levá-lo ao desenvolvimento em suas diversas dimensões – intelectual, afetiva, corporal, social, ética. Tal processo tem como ponto de partida e de chegada a autonomia. O sujeito torna-se autônomo quando é capaz de pesquisar e aprender sobre qualquer assunto que lhe interessa, quando se relaciona consigo mesmo e com os próximos de maneira saudável e respeitosa, adota hábitos de autocuidado e vive de forma coerente com seus princípios e valores. (SINGER, 2017, p. 17)

Assim, a utilização da tecnologia digital será usada para promover ações que despertem a participação ativa do aluno no estudo do poema. Para alcançar esse objetivo, buscaremos a identificação do discente com o poema, a fim de que haja uma reflexão representativa para ele, já que vivemos um momento de grandes transformações na humanidade devido à emergência da sociedade do conhecimento e da globalização. Essas mudanças nos fazem refletir sobre o mundo em que vivemos e, por consequência, o tipo de ser humano que queremos formar. A educação é a chave desses questionamentos e nela podemos observar os grandes conflitos e incertezas gerados por essa nova cultura, a cultura da hipermodernidade, a cultura do multiletramentos.

A sociedade conectada virtualmente produz uma nova forma de agir, pensar e refletir. Os padrões cartesianos são postos em questão, já que a interação e as habilidades intelectuais do pensamento não se configuram mais linearmente e, sim, em rede uma teia bem trançada de informações que se conectam e se expandem mutuamente, gerando uma propagação inalcançável. É a eclosão do novo paradigma vivido por nós, a sociedade do século XXI, e, dentro dessa nova configuração, está inserido nosso aluno. Por isso, é importante perceber que o novo paradigma é a sociedade imersa na tecnologia.

Temos o uso intenso de tecnologias digitais nesta nova sociedade e não se pode negar a entrada desses meios técnicos no ambiente escolar. Este novo paradigma atinge a educação na mesma intensidade que atinge a sociedade como um todo.

O novo paradigma de ciência sustentado pelo advento da física quântica tornou-se fato marcante no século XX, em especial nas últimas décadas, com o desmoronamento da proposição newtoniana-cartesiana. Neste momento histórico, a tradicional visão cartesiana, que acompanhou todas as áreas do conhecimento no século XIX e grande parte do século XX, não dá mais conta das exigências da comunidade científica e da formação acadêmica dos

estudantes exigida na sociedade moderna. A proposição mecanicista e reducionista que levou à fragmentação - à divisão - é um procedimento advindo do pensamento newtoniano-cartesiano, que vem sendo superado pelo paradigma da sociedade do conhecimento que propõe a totalidade. (BEHRENS, 2000, p. 68)

O paradigma emergente, desenvolvimento das tecnologias digitais, tem modificado significativamente a vida das pessoas, propiciando uma nova configuração na forma de representar, armazenar e comunicar o saber e a informação. Assim, tanto quanto quaisquer organismos vivos, as linguagens estão em permanente crescimento e mutação, conforme acredita Santaella (2001).

O aluno está inserido na era tecnológica que traz com ela a velocidade da informação e da comunicação, entretanto a escola não vem dando atenção a essa nova diretriz que rege o cotidiano do aluno e esquece, dessa forma, que a língua é uma atividade interativa de produção de sentido.

Assim sendo, propomos que o trabalho com o poema, na primeira série do ensino médio, seja integrado à tecnologia da informação e da comunicação, a fim de que possa haver uma leitura crítica e significativa do poema em sala de aula. Cada aluno deverá escolher um poema do livro para apresentá-lo aos demais em sala de aula. Nessa análise, além das estruturas categóricas de formação do poema, deverão estar presentes a relação do poema com aspectos do nosso cotidiano, a relação entre o poema e a nossa sociedade e a significação que aquela leitura terá para o aluno. Ao final dessas análises, os alunos realizarão uma atividade por escrito, em sala de aula, abordando as questões pedidas na apresentação oral dos poemas. E, ainda, apresentarão uma releitura da obra por meio de vídeos, utilizando como ferramenta a tecnologia digital.

Em relação à organização desta dissertação, optamos por dividir o trabalho em sete capítulos. O primeiro apresenta o início do percurso da pesquisa; trazendo desde nossas inquietações e motivações iniciais de docente, até o diagnóstico feito. No segundo capítulo, está a teoria que fundamentou este trabalho. O terceiro capítulo apresenta uma discussão sobre pesquisa-ação, trazendo ainda a justificativa, os objetivos e a metodologia. O quarto capítulo propõe algumas reflexões sobre a leitura literária e a importância do poema. No quinto capítulo, estabelecemos algumas relações entre o poema e a tecnologia digital. O sexto capítulo descreve o produto educacional desta dissertação e o sétimo capítulo temos as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesse trabalho, buscamos fazer considerações a respeito da utilização do Gênero Textual Poema, sua importância para uma visão crítica da sociedade, e sua integração à tecnologia digital, em particular a tecnologia digital móvel. Seguiremos, portanto, as perspectivas teóricas de Marcuschi (2008) sobre análise de gêneros textuais, as de Rojo (2015, 2013, 2012) sobre hipermodernidade e tecnologia, as de Bunzen e Mendonça (2013), as de Moreira e Kramer (2017) e as de Bairral *et al.* (2015) sobre a tecnologia digital.

Através da linguagem, tornamo-nos seres sociáveis que interagem e constroem relações. Assim, é importante perceber que a linguagem permeia diversos ambientes, sejam eles orais sejam escritos, formando a ideia que temos dos gêneros textuais.

Tudo o que dizemos, cantamos ou escrevemos/digitamos, dá-se concretamente na forma de enunciados ou textos. E todo enunciado articula-se em uma forma relativamente estável de enunciar, que é o gênero. Um enunciado serve para expressar, por meio da língua/linguagem, uma significação, uma apreciação a respeito do mundo, das coisas, dos outros ou de outros ditos. (ROJO, 2015, p. 28)

Os gêneros se fazem presentes, dessa forma, por representarem essa significação, trazida por Rojo (2015), que é entendida mutuamente pelos indivíduos que compartilham uma mesma sociedade e precisam dominá-los para que haja uma interação desse indivíduo de forma verdadeira e ativa.

2.1 Por que estudar os gêneros textuais?

Precisamos enfatizar que os gêneros textuais estão em nossas vidas, ou melhor, permitem que as esferas da vida se cumpram por meio de nossa comunicação, feita através dos diversos gêneros textuais. Assim, comunicamo-nos cotidianamente, nas mais diferentes esferas sociais, por meio dos mais variados gêneros. Basear-nos-emos, destarte, no pensamento direcionado por Marcuschi (2008) em que a ampla discussão sobre os gêneros textuais é centro de estudo. Para o autor, os gêneros são uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais, o que nos demonstra a amplitude e relevância do estudo. Assim, Marcuschi (2008) diferencia a noção de gênero textual, tipo textual e domínio discursivo. Apresentando-nos tipo textual como “uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempo verbal, relações lógicas, estilo}” (MARCUSCHI, 2008, p. 154). Assim, são modos textuais que abrangem a narração, a argumentação, a exposição, a descrição e a injunção. O gênero textual

é caracterizado por referir-se “aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes [...] da nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos” (MARCUSCHI, 2008, p. 155). Ainda segundo o referido autor, o domínio discursivo é definido como uma instância discursiva que “não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas. [...]”. (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Essa definição permite-nos observar a importância dos gêneros textuais nas relações que nos cercam como sociedade. A interação humana norteadada pela capacidade linguística, geradora de sentido, possibilita identificar que “[...] Não se pode tratar o gênero de discurso independentemente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas” (MARCUSCHI, 2008, p. 155). Daí, a razão precípua de ensinar ao aluno a relevância social de um texto, a sua interpretação crítica e as relações de sentido as quais se estabelecem a partir da sua leitura. Uma vez que o aluno percebe que um texto traz um pensamento social e que esse texto faz parte de um gênero textual, produzido em um determinado domínio discursivo, ele consegue inserir-se como ser integrante da sociedade. É importante ressaltar que devemos, como professores, possibilitar a produção do aluno como esse ser que integra uma sociedade e deve estar apto a ela, e, não, apenas, apresentar a leitura. A produção de um gênero textual pelo aluno é o encontro da sua perspectiva com os discursos de poder que nos cercam cotidianamente em nossa sociedade. Esse pensamento vai ao encontro do que ressalta Marcuschi (2008) quando diz que “Os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder.” (MARCUSCHI, 2008, p. 161). Essa relação estabelecida entre as atividades discursivas e a relação de poder que as envolve não é sempre clara para o aluno. É preciso intervir, como professor, nos estudos dos gêneros, levando o aluno a pensar e refletir de maneira crítica, questionando desde a sua composição tipológica até as relações que criam um domínio discursivo. Se não podemos pensar em gênero textual desvinculado de nossa sociedade, não podemos ensinar um gênero textual que vise, somente, a questões linguístico-estruturais, ignorando a sua relação enquanto ferramenta social.

A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem, e todos os nossos textos situam-se nessas vivências estabilizadas em gêneros. Nesse contexto, é central a ideia de que a língua é uma atividade sociointerativa de caráter cognitivo, sistemática e instauradora de ordens diversas na sociedade. O funcionamento de uma língua no dia a dia é, mais do que tudo, um processo de interação social. Claro que não é a língua que discrimina ou que age, mas nós que com ela agimos e produzimos sentidos. (MARCUSCHI, 2008, p. 163)

Assim, produzir sentido é analisar um gênero textual criticamente, observando e integrando todos os aspectos de sua composição linguístico-sociais, já que é imprescindível o trabalho que reforce esse poder do texto dentro de uma sociedade em sala de aula. O aluno precisa produzir seus textos para que sejam lidos e expostos. Não há como ensinar ao aluno a importância social de um texto, se essa realidade não for vivenciada por ele.

Destarte, a leitura crítica do poema e sua produção se inserem nesse contexto reflexivo e gerador de sentido dentro da realidade do aluno. Tornar a leitura dos poemas em sala de aula prática rotineira de imersão crítica e reflexiva sobre os aspectos cotidianos que nos espreitam diariamente é elemento que contextualiza nossa existência subjetiva e social. Enfatizando o que considera Marcuschi (2008) as relações de poder e formas de controle social, produzidas por nós seres humanos por meio dos gêneros textuais e que devem ser assim percebidas por nossos alunos.

Na contemporaneidade, os gêneros se misturam a todo tempo. Por isso a definição do que vem a ser gênero se torna cada vez mais complexa. Afinal, refletem a dificuldade de estabelecer limites entre as classificações. Elas constantemente se comunicam e se reinventam. Assim, Marcuschi (2008) chama a nossa atenção para a questão da intergenericidade, definição utilizada pelo autor para definir a hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função de outro. É dentro dessa perspectiva que se insere nosso trabalho com o Gênero Poético dentro da sala de aula. Ao praticar a intergenericidade, utilizando a tecnologia digital para trabalhar o Gênero Poético, a prática se estabelece na criação de uma mídia digital pelos alunos, com base nos poemas trabalhados em sala de maneira exaustiva, tanto com leituras e análises orais, quanto escritas. reflete um contexto de intergenericidade importante nos dias atuais, em que o aluno se entende como ser integrado às tecnologias digitais. Com essa proposta, buscamos uma integração entre o aluno e o poema, buscando elevar seu interesse pelo gênero em questão. Segundo Marcuschi (2008), “[...] compreender não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade” (MARCUSCHI, 2008, p.230). O que buscamos, então, é essa compreensão por parte dos alunos a respeito dos poemas. Uma compreensão que seja crítica, reflexiva e para isso devemos integrar o gênero ao contexto do aluno que é digital.

O cotidiano do aluno está imerso nos meios tecnológicos, os quais tornam esse cenário mais complexo, uma vez que inserem novas formas de organizar as ideias, novos recursos de linguagem e, portanto, multiplicam-se as formas de combiná-los ou interpretá-los.

A poesia na pós-modernidade é a ferramenta capaz de colocar com exatidão, no mesmo plano, fenômenos tão distintos. Como há uma possibilidade de combinar as formas, a poesia pode ser ao mesmo tempo subjetividade e crítica social. Os recursos proporcionados pela revolução técnico-científica trazida pela globalização são fatores que incrementam a produção poética. O contato com a poesia pode ser feito, a todo momento, por via digital. A internet é repleta de filtros e índices de procura que facilitam o leitor a encontrar obras que caíram no domínio público. A qualquer instante é possível que o usuário tenha acesso à sua poesia ou ao seu conto preferido. Como foi dito anteriormente, o cotidiano é a base para que sejam escritas novas produções poéticas. As figuras seguintes são exemplos dessa integração entre o poema e a mídia digital.

Figura 01: Perfil público da rede social



Fonte:Instagram

Figura 02: Perfil público da rede social



Fonte:Instagram

mais longínquos e assim permitir a criação de novas formas de comunicação e aprendizado. A ampliação da circulação das poesias não seria possível sem o suporte trazido pelas novas tecnologias. Elas permitem que diferentes obras sejam lidas a qualquer momento e lugar de acordo com a vontade do leitor.

Em meio a uma intensa utilização de tecnologias presente no cotidiano, a poesia também serve como válvula de escape à alienação. As pessoas dedicam horas de seu tempo em frente às telas de computadores ou celulares, sob risco de se manterem alheias à realidade e até mesmo à exteriorização de seus pensamentos ou sentimentos. A poesia se revela, assim, como uma janela para a reflexão das ideias mais profundas. É a manifestação da liberdade do autor, de suas impressões mais profundas, que muitas vezes são deixadas de lado com as turbulências do dia a dia.

2.2 Por que utilizar a tecnologia?

Precisamos enfatizar que os gêneros textuais estão em nossas vidas, ou melhor, permitem que as esferas da vida se cumpram por meio de nossa comunicação, feita através dos diversos gêneros textuais.

Inserir, portanto, a noção de gênero textual e sua importância no cotidiano do aluno, não será uma tarefa significativa, se não houver a integração com os gêneros que permeiam a área tecnológica. O estudo do gênero precisa ser dotado de serventia para o aluno; ele precisa perceber sua importância e, mais ainda, precisa entender de que forma o domínio dos gêneros textuais interfere em sua realidade social, seja para modificá-la seja apenas para constata-la.

Percebendo a importância desse cenário, no qual se afirma a construção do problema deste trabalho, quando entendemos que é necessária a integração da Tecnologia Digital ao estudo do Gênero Poético. Queremos saber, portanto, em que medida o uso de tecnologias digitais pode minimizar as dificuldades dos alunos do 1º ano do Ensino Médio na construção da significação do poema. É necessário lembrar que:

[...] o mundo mudou muito nas últimas décadas, ninguém há de discordar. E não somente pelo surgimento de novas tecnologias digitais da informação e comunicação (doravante TDICs), embora com seu luxuoso auxílio. Surgem novas formas de ser, de se comportar, de se discursar, de se relacionar, de se informar, de aprender. Novos tempos, novas tecnologias, novos textos, novas linguagens. (ROJO, 2015, p. 116)

Para fazer essa integração entre o estudo do gênero poético e a tecnologia digital, será necessário partir, inicialmente, de uma aula expositiva dentro da disciplina de Literatura. O aluno entenderá a importância de se apropriar do conteúdo, uma vez que precisará dele para

refletir sobre sua abordagem como parte fundamental do processo de ensino-aprendizagem. Dentro dessa perspectiva, Mattos (1976, apud LOPES, 1991, p.39) afirma que:

[...] o objetivo da aula expositiva é somente conseguir que os alunos adquiram uma compreensão inicial, indispensável para a aprendizagem de um novo assunto. Isso significa que uma aprendizagem total não pode ser alcançada numa aula expositiva.

Assim, ao introduzir o Gênero Poético na aula expositiva, o intuito será demonstrar suas características e dar ao aluno uma primeira percepção sobre o gênero, fazendo com que a reflexão sobre sua abrangência fique por conta das atividades subsequentes. Isso gerará a aproximação com a definição de Matos (1976 apud LOPES, 1991) sobre a aula expositiva e a atividade proposta em sala, uma vez que consideramos a impossibilidade de haver apropriação e significância do conteúdo sem o envolvimento ativo do aluno.

A aula expositiva, muitas vezes, pode se configurar na inércia daquele que aprende, fazendo com que seu raciocínio crítico não seja estimulado. Se o professor expõe as características de um determinado assunto, sem que haja a participação ativa e reflexiva de todos os envolvidos, em uma dialética que busque um significado aplicável no cotidiano de ambos os envolvidos, não há, então, razão para se permanecer nessa prática.

O objetivo da atividade será fazer uma ligação entre o conteúdo e sua aplicação prática, cotidiana, mudando, dessa forma, a centralidade da sala de aula. Concordamos com Savani (1983 apud LOPES, 1991, p.37) ao afirmar:

A nova tendência pedagógica ganhou corpo a partir de críticas severas à Pedagogia Tradicional, fixando-se na reversão do processo de ensino, no qual o aluno, e não mais o professor, passava a ser o centro desse processo. A ênfase voltou-se para a atividade do aluno e, nessas circunstâncias, novas técnicas de ensino foram assimiladas pelos professores.

O aluno precisa se sentir parte de seu processo formador, agente na prática da aprendizagem. Não há como, diante de um paradigma emergente, permanecermos dentro da prática da Pedagogia Tradicional, é preciso entender que:

A ênfase na relação dialética entre educação e sociedade implica a adoção do método dialético na prática pedagógica na sala de aula. A aula expositiva, assim como as demais técnicas de ensino, passa a ser considerada como um meio para a reelaboração dos conteúdos transmitidos na escola. (SAVANI, 1983 apud LOPES, 1991, p. 37)

Com o objetivo de manter essa relação dialética na sala de aula, vemos a importância de um diálogo através de uma linguagem que seja dominada pelo aluno. Dessa forma, o conceito de multiletramentos torna-se fundamental para entendermos a realidade dos estudantes. É importante ressaltar o conceito de multiletramentos estabelecido por Rojo (2013),

segundo o qual não há, apenas, uma multiplicidade de leituras e escritas estabelecidas pelo prefixo “multi-” e, sim, um conjunto de práticas contemporâneas que envolvem a multiplicidade de linguagens, semioses e mídias.

É diferente, portanto, a maneira de se encarar o mundo. Suas relações estão modificadas e a velocidade com que se lê, vê e interpreta uma mensagem, seja ela uma notícia jornalística seja uma música, mudou. Desse modo, o que podemos esperar de uma sala de aula com nativos digitais é que haja esse mesmo movimento dinâmico em suas relações.

Seguindo esse caminho e buscando uma ação, uma participação ativa do aluno, como forma de modificar a relação estanque de outro tempo na sala, e como forma significativa e crítica da apreensão textual, observação importante temos em:

A presença das tecnologias e das telecomunicações trouxe nova dinâmica à maneira de se comunicar, de se informar e, sobretudo, de aprender. Com o conhecimento descentralizado e fluido nas diversas linguagens e nos meios de comunicação, o educador tem hoje mais recursos para se posicionar como um mediador dessas várias oportunidades educativas. (SINGER, 2017, p. 20)

Diante dessa realidade, que é a nova dinâmica comunicacional, inerente à geração atual, entendemos a necessidade de utilizar o recurso tecnológico como uma ferramenta dentro de sala de aula. A importância desse olhar por diversas perspectivas é fundamental para nossa análise crítica do poema que se configura como uma forma de interpretar a sociedade da qual fazemos parte.

Essa nova configuração das relações sociais se faz presente dentro da sala de aula. Dessa forma, não podemos ignorá-la e excluí-la de nossa realidade. Precisamos integrar a tecnologia como uma ferramenta ao processo de ensino. Não há um caminho inovador que, somente pelo uso tecnológico, resolva as questões com as quais nos deparamos dentro de sala de aula com relação à aprendizagem do aluno. Mas é importante estarmos atentos ao fato de que todo método é válido, quando se trata de fazer com que o aluno participe ativamente de nossas aulas. A tecnologia pode nos ajudar nessa tarefa participativa dentro de uma sequência de aulas expositivas. A realidade do aluno, que é o ambiente virtual, precisa estar em nossa realidade de ensino. A era da informação pode ser, assim, uma verdadeira aliada na função de ampliação de aprendizagem na medida em que permite o acesso aos lugares mais longínquos a qualquer tempo. A tecnologia é também mecanismo de inclusão entre os indivíduos. Pensemos, por exemplo, num deficiente visual, que diante justamente da deficiência não conseguiria ler o poema. Os meios tecnológicos existentes na contemporaneidade permitem a transmissão através de áudio, a fim de que essas pessoas também possam testar suas habilidades de compreensão e interpretação. A tradução e conversão realizada através de aplicativos ampliam

a produção e transmissão do conhecimento, contribuindo para a superação das limitações individuais. Nesse sentido, Bunzen (2013) ressalta a ampliação das possibilidades por meio da tecnologia considerar que:

[...] o uso de tecnologias modernas no contexto educacional, que favorece a produção de gêneros digitais, oferece um leque maior de possibilidades tecnológicas (sons, movimentos, efeitos visuais e sonoros, imagens 3D etc.) para a construção de materiais, para a criação de uma situação de aprendizagem, visando sempre à construção de conhecimentos. (BUNZEN; MENDONÇA, 2013, p. 44)

O poema é, portanto, ao mesmo tempo canal de aprendizagem e janela para as impressões individuais. Ele ainda permite o reconhecimento do leitor com aquele que o produz, ainda que até então esse autor fosse desconhecido para o destinatário. O ato de reconhecimento com o poema, por sua vez, pode ser responsável pela criação de referências. O poema pode ser, assim, também responsável pela descoberta do trabalho e das habilidades daquele que o produz. Sabemos que a comunicação é a chave para a integração em nossa vida social. Não são todos que dominam bem a habilidade de se comunicar. A habilidade de comunicação é, afinal, um talento a ser admirado e treinado. Para tanto, muitas pessoas buscam referências a fim de estarem preparadas a lidar nas mais distintas ocasiões.

Um poema, a todo o momento, desafia as formas tradicionais de linguagem, atribuindo novos significados ou a polissemia a determinado termo que até então parecia livre de dúvidas. Num mundo em que as pessoas estão cada vez mais atreladas intrinsecamente às tecnologias, faz-se necessária a utilização de um projeto que introduza os alunos a novas formas de comunicação e aprendizagem que no ambiente digital. Nesse sentido, a apresentação a gêneros textuais que não estejam alheios ao nosso contexto social mostra-se relevante.

O novo projeto de letramento se propõe, portanto, não a mera absorção de conteúdo, se destina à produção de um ensino dotado de eficiência na prática social. A poesia se destaca nessa missão, haja vista que a sua função não é só ser memorizada pelo seu destinatário, mas, também ser, interpretada e referenciada pelo leitor. Esse aspecto também é ressaltado:

Em todas essas práticas de leitura e escrita, o engajamento social dos participantes visa a uma mudança de estado de coisas. A implicação disso é uma ressignificação conceitual importante: ler e escrever não são práticas circunscritas à esfera escolar. Lemos e escrevemos para agir no (e sobre o) mundo. (BUNZEN, 2013, p. 74)

A leitura e a construção de poemas permitem que os alunos estejam inseridos em uma rede infinita de significados, estimulando o desenvolvimento de suas estratégias de ação e interpretação. O processo é importante a fim de que os alunos possam se posicionar nos fatos cotidianos. A interpretação significativa do poema torna-se fundamental para que possamos

entender e ler um mundo permeado de linguagens. Assim, interpretar significativamente é gerar “um para quê?”, ou seja, é demonstrar a importância de ler o mundo, ler a vida, ler as relações que nos cercam cotidianamente, ler a nossa história.

Uma educação de qualidade no século da contemporaneidade deve estar apta a estimular o aluno a lidar com os dinamismos que a vida social e cultural apresenta. Preparados a lidar com a dinâmica do mundo globalizado, eles passarão a se posicionar diante de tantas mudanças repentinas. Uma educação de qualidade se destina não somente ao acúmulo de conhecimento ou testes práticos. Ela visa a lidar com os diferentes fatores que influem nas decisões e posições dos alunos, tais como a sua personalidade ou a visão que possuem diante das diferentes realidades que o mundo nos traz. A escola deve lidar, não só com questões externas como a política e a economia, como também com os elementos internos existentes na vida de cada um, tais como fatores psicológicos, temores e frustrações.

A promoção de uma educação de qualidade depende de mudanças profundas na sociedade, nos sistemas educacionais e na escola. Nesses dois últimos, exigem-se: condições adequadas ao trabalho pedagógico; conhecimentos e habilidades relevantes; estratégias e tecnologias que favoreçam o ensinar e o aprender; procedimentos de avaliação que subsidiem o planejamento e o aperfeiçoamento das atividades pedagógicas; formas democráticas de gestão da escola; colaboração de diferentes indivíduos e grupos; diálogo com experiências não formais de educação. (MOREIRA; KRAMER, 2017, p. 1046)

É nesse sentido que direcionamos nosso trabalho. Buscamos uma integração entre a tecnologia e o estudo do poema para criar uma estratégia que favoreça o ensinar e o aprender. Sabemos que o cotidiano do aluno está cercado de tecnologias digitais e, dentre elas, a mais marcante, tornou-se a tecnologia digital móvel. Os celulares, então, ganham destaque em nossa sociedade. Representam uma nova forma de olhar, interagir e integrar-se ao mundo. O aluno não se percebe como ser desvinculado dessa tecnologia, pelo contrário, entende-se como uma unidade *multi-touch* capaz de estar conectado, ao mesmo tempo, no mundo real e virtual.

A evolução da tecnologia digital favorece diferentes práticas em sala de aula, especialmente as relacionadas ao modo com que um usuário interage com a tela: do clicar, arrastar e soltar, ações feitas com um mouse, para toque ou deslizamento suave (com um ou mais dedos) na tela de um dispositivo *multi-touch*, e das antigas interações um a um às múltiplas interações simultâneas que o último torna possível. Portanto, esses diferentes recursos tecnológicos permitem projetar tarefas diversas que podem mudar os processos cognitivos dos estudantes. (BAIRRAL *et al.* 2015, p. 8).

Esse contato do aluno com o ambiente virtual, o qual pode ser acessado a todo o momento, através da tecnologia digital móvel (o celular), muda a forma com que ele se percebe como indivíduo. Ou seja, o aluno está fazendo uso dessa tecnologia para interagir socialmente,

ler os acontecimentos que o cercam e que são relevantes para ele. Para isso, em nosso trabalho, que visa à integração entre a tecnologia digital e o Gênero Poético, com o intuito de levar o aluno a uma significação do poema, utilizamos a tecnologia digital para que os alunos produzam uma releitura dos poemas trabalhados em sala por meio da tecnologia, criando, então, uma mídia digital que traduza os poemas dentro da visão tecnológica do aluno.

Na seção seguinte, abordaremos os aspectos metodológicos desta pesquisa.

3. METODOLOGIA PROPOSTA

O papel do professor na sala de aula é fundamental para que o aluno se interesse ou não pelo conteúdo em questão. Muitos alunos, ao exporem suas dificuldades em determinadas disciplinas, abordam essa questão como um fator positivo ou negativo em seu aprendizado. Por isso, acreditamos na importância do professor-pesquisador, aquele que usa sua sala de aula como um ambiente de estudo, objetivando fazer com que o ensinar-aprender seja uma prática significativa tanto para o professor quanto para o aluno.

Destarte, acreditamos que este estudo, que buscará uma participação ativa do aluno no estudo do gênero poético através das tecnologias digitais, se caracterizará como uma pesquisa qualitativa com características de pesquisa-ação. Acreditamos que a pesquisa-ação será o melhor modelo, já que, segundo Thiollent (2011, p.11), a pesquisa-ação é:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Tendo como norte a pesquisa-ação, um dos objetivos desta pesquisa será promover a participação ativa do aluno, fazendo com que ele se envolva na pesquisa, através de sua ação-criação de uma mídia digital, a criação de um vídeo, que terá por base o gênero poético estudado em sala de aula, ou seja, uma releitura das obras poéticas trabalhadas em sala, utilizando-se a tecnologia. As atividades foram planejadas para que o aluno desenvolva, através do estudo do gênero poético, sua percepção sobre o texto. É nosso propósito, nesse processo, que o aluno atribua ao poema uma análise crítica e possa, dessa forma, perceber que a concepção que se adquire de um texto, não importando o gênero textual, tem um impacto em seu cotidiano, mudando sua relação com o mundo, mudando a maneira de se perceber como um sujeito ativo dentro de uma sociedade. Assim, é importante perceber que:

[...] acreditamos que uma prática efetiva com o texto literário e com variadas expressões artísticas possa auxiliar o indivíduo a, não só ser capaz de adquirir conhecimentos de forma independente, como também ler e apreciar um texto literário. (MARTINS, 2016, p. 156)

Ao nos questionarmos sobre essa prática, como ressaltado por Martins (2016), elaboramos atividades com o Gênero Poético, a fim de desenvolver práticas literárias de leitura que possam ser aplicadas com alunos do primeiro ano do Ensino Médio.

3.1 Definindo/Apresentando a proposta de atividade

Esta proposta consiste em apresentar um trabalho com o Gênero Poético, abordando suas características, sua interpretação crítica, sua importância social como gênero textual, utilizando a tecnologia digital com ferramenta para promover a participação ativa do aluno no estudo do gênero em questão.

O que desejamos, em princípio, será despertar o interesse dos alunos e, para isso, buscaremos na tecnologia digital uma forma de motivá-los e de envolvê-los, já que estamos vivendo em uma sociedade que observa e vivencia experiências por uma nova perspectiva que é o ambiente virtual.

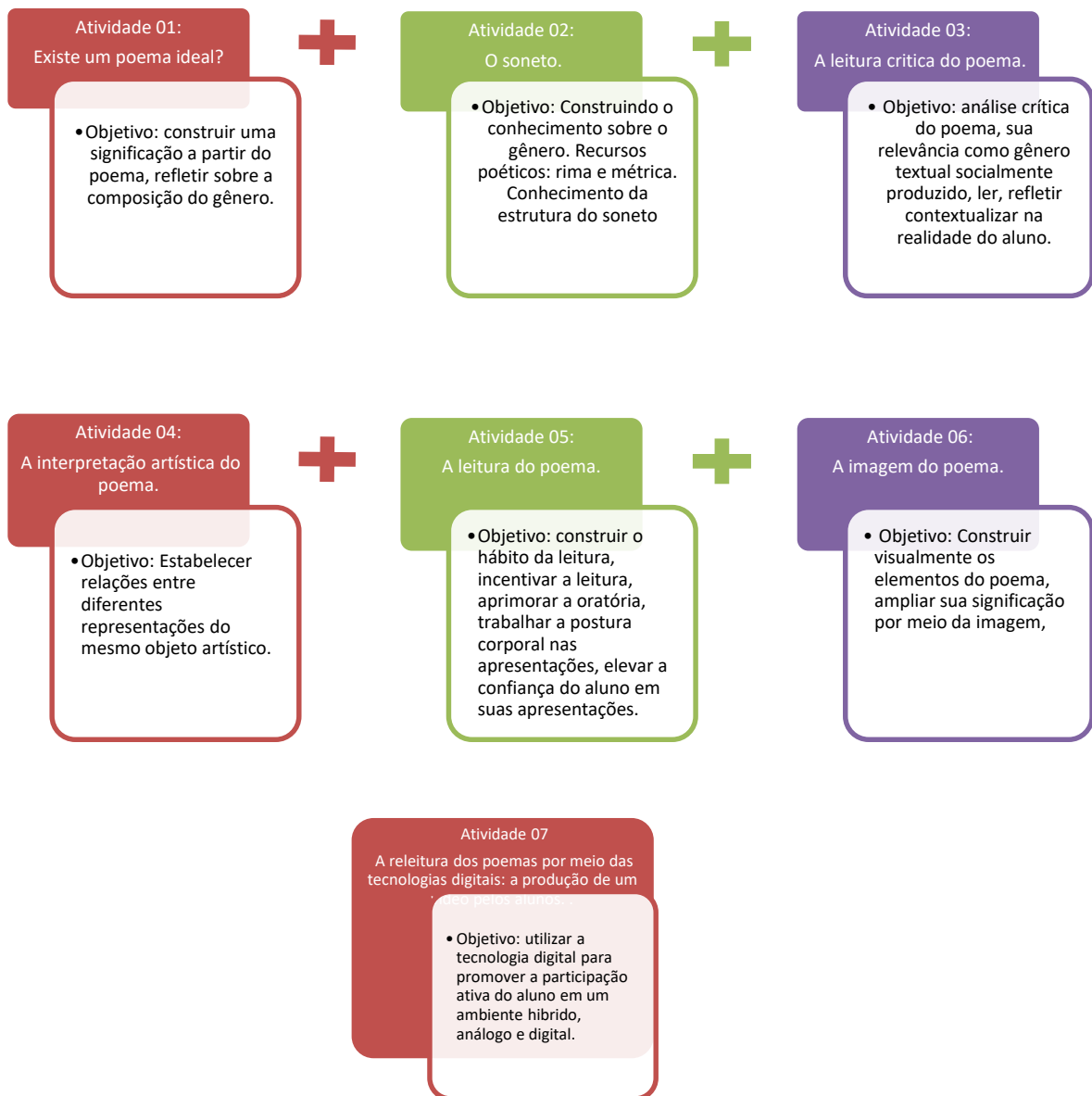
Propomos sete atividades a serem realizadas, objetivando, sempre, uma interpretação significativa do poema a partir do contexto social do aluno.

A leitura e a construção de poemas permitem que os alunos estejam inseridos em uma rede infinita de significados, estimulando o desenvolvimento de suas estratégias de ação e interpretação. O processo é importante a fim de que os alunos possam se posicionar nos fatos cotidianos. A interpretação significativa do poema torna-se fundamental para que possamos entender e ler um mundo permeado de linguagens. Assim, interpretar significativamente é gerar “um para quê?”, ou seja, é demonstrar a importância de ler o mundo, ler a vida, ler as relações que nos cercam cotidianamente, ler a nossa história.

Uma educação de qualidade no século da contemporaneidade deve estar apta a estimular o aluno a lidar com os dinamismos que a vida social e cultural apresenta. Preparados a lidar com a dinâmica do mundo globalizado, ele passará a se posicionar diante de tantas mudanças repentinas. Uma educação de qualidade se destina não somente ao acúmulo de conhecimento ou testes práticos. Ela visa a lidar com os diferentes fatores que influem nas decisões e posições dos alunos, tais como a sua personalidade ou a visão que possuem diante das diferentes realidades que o mundo nos traz.

Diante disso, elaboramos sete atividades para serem trabalhadas com os alunos do primeiro ano do Ensino Médio, esquematizadas a seguir:

Figura 05: Esquema de atividades



Fonte: A autora, 2020.

3.2 As Atividades

As sete atividades propostas foram estruturas para que o aluno possa construir uma reflexão diante do poema. Assim, essas atividades estão de acordo com o que COSSON (2016) define como a sequência básica do letramento literário. O referido autor divide-a em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Em nossa Atividade 01, que consiste em levar o aluno a diferentes questionamentos na busca de uma significação do poema, pretendemos despertar a definição dada pelo autor de motivação para a leitura. Dessa forma:

[...] a leitura demanda uma preparação, uma antecipação, cujos mecanismos passam despercebidos porque nos parecem muitos naturais. Na escola, essa percepção requer que o professor a conduza de maneira a favorecer o processo da leitura como um todo. Ao denominar motivação a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação. (COSSON, 2016, p. 54)

Quando pensamos nas perguntas que compõem a Atividade 01, elaboramo-las com o intuito de despertar uma percepção prazerosa do poema, propomos que essa atividade seja realizada de forma lúdica com a utilização de outros recursos, como músicas e imagens, que se somem ao poema da atividade. Buscamos, assim, construir uma significação a partir do poema e refletir sobre a composição do gênero. Pensando “[...] na construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais de construção da motivação” (COSSON, 2016, p. 55).

As perguntas que conduzirão o aluno na Atividade 01 estão estruturadas da seguinte forma:

Figura 06: Perguntas da atividade 01

- 1.1 Qual é o tema tratado no poema?
- 1.2 No poema, o eu lírico apresenta a sua concepção do que é um poema. Para você o que é um poema?
- 1.3 Qual o recurso utilizado pelo eu lírico para representar o poema ideal?
- 1.4 Você concorda com essa visão apresentada pelo eu lírico?
- 1.5 E para você, o que é ideal?
- 1.6 Considerando sua reflexão sobre o que é ideal para você, elabore um poema, ou seja, uma estrutura em versos, que represente o que é ideal para você.

Fonte: A autora, 2020.

Em nossa Atividade 02, que consiste em mostrar ao aluno o conhecimento da estrutura do soneto, abordaremos alguns recursos poéticos como rima, métrica e composição lógica do raciocínio estruturada pelo soneto. Com o objetivo de construir o conhecimento sobre o gênero, seus recursos poéticos: rima e métrica e aprimorar o conhecimento da estrutura do soneto pelo

aluno. Entendemos que nessa atividade informações sobre o autor e a sua obra estão relacionadas com o que Cosson (2016) define como introdução, abordando características como autor e obra, para que se passe à etapa da leitura.

As perguntas que conduzirão o aluno na Atividade 02 estão estruturadas da seguinte forma:

Figura 07: Perguntas da atividade 02

- 2.1 Qual é o tema abordado no poema?
- 2.2 Compare o poema da atividade 1 com o poema apresentado na atividade 2. O que há de diferente entre eles? Os dois textos podem ser considerados poemas? b) Em termos formais, em que eles se diferenciam?
- 2.3 Considerando-se a estrutura do poema de Camões, podemos identificá-lo como um soneto. Descreva a composição dessa estrutura.
- 2.4 Você percebeu a presença da musicalidade no poema a partir da repetição dos sons das palavras? Quais são elas?
- 2.5 Como elas estão estruturadas no poema?
- 2.6 Qual a metrficação do poema? Transcreva dois versos do poema para exemplificar a sua resposta.
- 2.7 As sílabas poéticas são divididas da mesma maneira que as sílabas gramaticais? Explique sua resposta.
- 2.8 Considerando suas respostas anteriores, que elementos compõem o poema?
- 2.9 As três primeiras estrofes do soneto de Camões introduzem um raciocínio baseado em hipóteses. A conclusão desse raciocínio é apresentada na última estrofe do soneto. a) Que raciocínio é esse? b) Qual a conclusão a que chega o eu lírico?

Fonte: A autora, 2020.

Em nossa Atividade 03, que consiste na leitura crítica do poema, propomos uma análise crítica, sua relevância como gênero textual socialmente produzido, ler, refletir e contextualizar na realidade do aluno. Dentro dessa mesma perspectiva, encontra-se a Atividade 04, que se destina a estabelecer uma relação entre o poema trabalhado e outras formas artísticas de representação. Assim, a relação que queremos estabelecer é uma reflexão crítica do aluno diante do poema e do seu cotidiano. Pretendemos que haja um envolvimento que propicie uma

modificação da obra para o aluno e do aluno para as relações que o cercam. Essa relação é destacada por Cosson (2016) na etapa que denomina interpretação e ressalta que:

[...] a história de leitor do aluno, as relações familiares e tudo mais que constitui o contexto da leitura são fatores que vão contribuir de forma favorável ou desfavorável para esse momento interno. A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Por isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento interno possa parecer a cada leitor, ele continua sendo um ato social. (COSSON, 2016, p. 65)

De acordo com o pensamento do referido autor, estabelecemos e direcionamos as perguntas dessas atividades. Esse procedimento se deve ao fato de considerarmos a necessidade de relacionar a leitura, a sua relevância social e o aluno como agente desse processo.

As perguntas que conduzirão o aluno na Atividade 03 e 04 estão estruturadas da seguinte forma:

Figura 08: Perguntas das atividades 03 e 04

3.1 Identifique o tema do poema e explique como ele é desenvolvido.

3.2 De que maneira o tema e o tratamento dado a ele permitem associar este poema ao Barroco?

3.3 Gregório de Matos representa a escola literária do Barroco no Brasil. Assim como o Barroco europeu, o Barroco brasileiro foi marcado pela efemeridade da vida, pela angústia do ser, pela dualidade entre o mundo físico e espiritual. Assim, apesar das características em comum, visa a questões específicas no contexto brasileiro. Retire, do soneto, dois versos que expressem essa característica específica.

“À Bahia aconteceu

O que a um doente acontece:

Cai na cama, e o mal cresce,

Baixou, subiu, morreu.”

3.4 Na estrofe a cima, o eu lírico usa uma imagem metafórica para construir um panorama da cidade da Bahia do século XVII. Explique essa ideia metafórica construída no poema.

3.5 Se pensarmos no contexto político do Brasil hoje, no século XXI, seria possível afirmar que o poema, de Gregório de Matos, retrata-o?

3.7 Nas duas primeiras estrofes, quais as imagens e metáforas utilizadas pelo eu lírico? A quem elas representam?

3.7 Para você, o contexto exposto pelo eu lírico gera alguma significação?

3.2.1 Que elementos do poema estabelecem um “diálogo” com o vídeo do Grupo Corpo?
Como esses elementos representam o Barroco?

4.1 Qual é a figura de linguagem que indica a tensão entre os opostos? Explique.

Observe os versos a seguir:

Já sei, que a flor da formosura.....usura

Será no fim desta jornada.....nada.

4.2

- a) O que representam a “flor da formosura” e o “nada”?
- b) Como esses elementos estão relacionados ao Barroco?

4.3 A literatura e as demais formas de arte podem levar o ser humano a refletir sobre as angústias e as alegrias da própria existência. A leitura do poema nos ajudaria a compreender melhor a realidade? Por quê?

Fonte: A autora, 2020.

Nossa Atividade 05 consiste na leitura do poema, ou seja, está destinada a trabalhar a oralidade com o aluno. Queremos com essa atividade incentivar uma relação prazerosa com a leitura oral do poema, observando a importância da sonoridade do texto, com sua musicalidade, criada a partir das rimas e ritmo, o que implica na cuidadosa seleção lexical. Assim, o objetivo é construir o hábito da leitura, incentivar a leitura, aprimorar a oratória, trabalhar a postura corporal nas apresentações, elevar a confiança do aluno em suas apresentações.

Usualmente, o professor solicita que o aluno leia texto e, durante o tempo dedicado àquela leitura, nada mais faz. Se for a leitura de um pequeno texto a ser feita em sala de aula, de fato há pouco o que se fazer a não ser esperar que o aluno termine a tarefa. Todavia, quando tratamos de livros inteiros, esse procedimento já não é adequado. A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. (COSSON, 2016, p. 62)

Esse acompanhamento da leitura, a que chama atenção Cosson (2016), é nosso objetivo nesta atividade. Queremos que o aluno não se sinta sozinho na leitura do poema. Para isso, há diversas estratégias que podem ser úteis no momento da leitura. Será preciso ler com o aluno o poema. Intercalar a leitura entre o professor e o aluno, estar em pé ao lado do aluno para proporcionar segurança e ajudá-lo, discretamente, em alguma dúvida durante a leitura do poema. O importante para a realização desta atividade é fazer com que o aluno sinta-se confortável durante a leitura.

Antes da realização da leitura sugerimos que o professor converse, mesmo que rapidamente, com o aluno e pergunte-lhe como gostaria de realizá-la. É importante que o aluno perceba-se parte importante da atividade e saiba que existe uma preocupação do professor para que ele esteja confortável ao fazer a leitura do poema para seus colegas de turma.

Trabalhar a oralidade em sala de aula com a leitura dos poemas possibilitará a ampliação do olhar do aluno sobre o poema, sobre os colegas de turma, sobre variados temas, sobre múltiplas perspectivas sócias e sobre próprio aluno, ou seja, sobre sua subjetividade. Diante desse pensamento, é importante notar que:

Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. (COSSON, 2016, p. 66)

Na Atividade 06, que consiste em trabalhar a temática do poema por meio da imagem, os alunos deverão produzir um desenho que simbolize o mesmo poema da leitura oral. Assim, o aluno já terá uma familiaridade com o poema para que possa traduzi-lo em imagem. Nosso objetivo será, então, construir visualmente os elementos do poema, ampliar sua significação por meio da imagem. Já que “[...] é na poesia que os interstícios da palavra e da imagem visual e sonora sempre foram levados a níveis de engenhosidade surpreendentes.” (SANTAELLA, 2001, p. 69).

Os alunos poderão produzir os desenhos em sala de aula ou não. Caberá ao professor definir a forma de trabalho que será realizada pelo aluno. No desenho devem constar o título do poema e o poeta. Eles devem considerar a temática, as figuras de linguagem e a escola literária à qual pertence o poema dentro da historiografia literária. Com os desenhos, pode-se elaborar um mural para ser exposto no colégio, valorizando o trabalho dos alunos.

Esta atividade já aponta para o ambiente híbrido que será proposto na Atividade 07. Por meio da imagem do poema, buscaremos o vínculo inicial entre o poema e as tecnologias digitais. Nessa perspectiva:

[...] a imagem está hoje introjetada na palavra poética que a mera menção do tema – palavra e imagem – parece conduzir o pensamento inexoravelmente para a poesia. No Brasil contemporâneo, as produções poéticas ficaram tão profundamente marcadas pela visualidade que não é mais possível pensar a imagem à margem das aquisições poéticas. As variações de procedimento utilizadas, que já eram muitas, tendem agora a crescer com as facilidades, enriquecimento qualitativo e movimentos dinâmicos que os computadores e seus programas gráficos e multimídia oferecem aos novos *designers* da linguagem. (SANTAELLA, 2001, p. 71 grifo da autora)

Acreditamos que essa integração entre o poema, sua interpretação crítica, a imagem e a tecnologia digital são os componentes de um cenário que está imerso em uma sociedade digital como a nossa.

Finalizando as atividades, chegaremos à Atividade 07. Essa atividade consiste na releitura dos poemas por meio das tecnologias digitais: a produção de um vídeo pelos alunos. Nosso objetivo é fazer com que os alunos utilizem a tecnologia digital participando ativamente de um ambiente híbrido, análogo e digital. O aluno apresentará, em mídia digital, uma interpretação sobre os poemas trabalhados em sala de aula. A turma pode ser dividida em grupos ou pode ser elaborado individualmente. Ao chegar nesta etapa das atividades, o aluno deve ter participado das tarefas anteriores. De modo que esta é a realização de uma releitura, das obras estudadas, feita pelo aluno. Assim, o discente deve atuar nesta tarefa com total autonomia de criação. O intuito é levarmos o aluno a uma sistematização dos conceitos definidos anteriormente pela sua participação ativa, desenvolvendo dentro do ambiente tecnológico o seu olhar crítico sobre as informações a que teve acesso.

3.3 Seleção dos sujeitos

Os alunos deverão participar de aulas expositivas sobre aspectos constitutivos do poema, deverão ser feitos exercícios em sala sobre a constituição do gênero, aspectos constitutivos do poema, como a métrica, a rima, o estilo do eu lírico, identificação da escola literária a que pertence o autor, dentre outras. Os alunos poderão, ainda, escolher poemas, livremente, e poderão lê-los em sala de aula, informando os motivos que os levaram a escolher determinado texto poético. Deverão abordar, também, aspectos literários da composição poética e interpretá-la de maneira crítica e significativa. Em seguida, apresentarão a temática do poema escolhido em um desenho que representará as imagens trazidas pelo texto lido. Com esses desenhos poderá ser montado um painel poético significativo, em que as imagens representarão, através de elementos simbólicos, as metáforas e metonímias trabalhadas dentro de cada poema. Após a construção do painel, poderá ser realizada uma análise, em sala, sobre poemas

selecionados, dessa vez, por todos, em que deverão ser abordadas todas as questões do gênero poético e, dessa forma, os alunos deveriam apresentá-la em um trabalho escrito. Como etapa conclusiva, o professor poderia solicitar aos alunos que construíssem um vídeo, utilizando-se uma mídia digital móvel, que seria uma releitura dos poemas trabalhados em sala.

A presente proposta de trabalho tem como justificativa o fato de que os alunos do Ensino Médio apresentam dificuldades em analisar criticamente um poema. As dificuldades que, em geral, os professores percebem nos alunos no estudo do gênero poético requerem práticas que estimulem sua exploração em sala de aula. É importante destacar que a vivência do aluno está inserida na tecnologia digital; todas as informações se cruzam e não há uma linearidade de percepção. As informações não estão só em textos orais ou escritos, mas também permeiam os diversos canais de comunicação. Assim é

Tão natural e evidente, tão profundamente integrado ao nosso próprio ser é o uso da língua que falamos, e da qual fazemos uso para escrever – língua nativa, materna ou pátria, como costuma ser chamada -, que tendemos a nos desperceber de que esta não é a única e exclusiva forma de linguagem que somos capazes de produzir, transformar e consumir, ou seja, ver-ouvir-ler para que possamos nos comunicar uns com os outros.

É tal a distinção que a aparente dominância da língua provoca em nós que, na maior parte das vezes, não chegamos a tomar consciência de que nosso estar-no-mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar. (SANTAELLA. 2001. p. 10)

Por isso, vemos a importância de o aluno trabalhar a percepção do Gênero Poético integrado a diferentes formas, daí, então, o uso da tecnologia pode se justificar. Ao integrarmos o gênero poético à tecnologia digital, possibilitaremos ao aluno um manuseio de diferentes formas, cores e expressões de um texto, que, em geral, configura-se sempre da mesma maneira. Se nossa sala de aula se configura de alunos diferentes, não podemos estar sempre trabalhando somente de uma mesma forma; é preciso que haja maneiras diversas de se ensinar, ou melhor, de fazer com que o aluno tenha a vontade e o direito de apreender um conteúdo de forma crítica e significativa, lembrando, sempre, do reflexo social que é a escola e que, ao formarmos alunos, estamos formando cidadãos. O propósito da escola de informar e também de formar justifica a necessidade de se preparar o discente para a leitura dos diversos textos que se apresentam em diferentes formas na sociedade atual.

No próximo capítulo, consideraremos algumas questões sobre a leitura literária.

4. A LEITURA LITERÁRIA

“O Caminho da Vida

Um dia, um discípulo perguntou a Confúcio:

- Qual é o caminho da vida?

O mestre não respondeu. Ele refletiu por seis dias e seis noites e, no sétimo dia, disse:

- O livro que tenho em mãos mostra o caminho da vida.

Deixou o livro diante do discípulo e partiu.

O discípulo se precipitou sobre o objeto. Impaciente, abriu o livro e encontrou apenas uma sucessão de páginas em branco”.

(Fermine)

4.1 Refletindo criticamente

Se o livro da vida é composto por uma sucessão de páginas em branco, os livros que nos fazem refletir sobre ela são compostos por uma infinidade de linguagens. Somos formados por uma gama complexa de elementos verbais e não verbais que se integram compondo nossa existência humana. O saber e o conhecimento inesgotáveis, que se formulam a partir de outros saberes e que se transformam e se multiplicam em outros, partes dos mesmos e mais profundos, são o alicerce da existência humana, aquilo que nos diferencia como espécie e nos mantém conscientes de nossa essência holística.

Essa integração é entendida como a soma de vários outros corpos em um único corpo, assim:

Ao corpo físico, somam-se um corpo linguagem, um corpo sentimento, um corpo imaginário, um corpo profissional e assim por diante. Somos a mistura de todos esses corpos, e é essa mistura que nos faz humanos. As diferenças que temos em relação aos outros devem-se à maneira como exercitamos esses diferentes corpos. Do mesmo modo que atrofiaremos o corpo físico se não o exercitarmos, também atrofiaremos nossos outros corpos por falta de atividade. (COSSON, 2016, p. 15)

Somos a interação entre os meios e os saberes. Os vários corpos em um, a soma ampliada da magnitude da existência que é repassada e multiplicada por meio da Literatura. É o pensamento que se perpetua e se insere em diferentes épocas transformando e acumulando o ato do pensar.

As palavras vêm da sociedade de que faço parte e não são de ninguém. Para adquiri-las basta viver em uma sociedade humana. Ao usar as palavras, eu as

faço minhas do mesmo modo que você, usando as mesmas palavras, as faz suas. É por esse uso simultaneamente individual e coletivo, que as palavras se modificam, se dividem e se multiplicam, vestindo de sentido o fazer humano. (COSSON, 2016, p. 16)

É dessa forma que nos integramos a uma sociedade, fazemos parte dela quando usufruímos de seus sentidos e significados. As palavras permitem-nos expressar e sentir. É a palavra que possibilita a interação, a leitura do mundo, a leitura imagética, a leitura dos sentimentos, a leitura de nós mesmos como seres humanos. É a linguagem, então, que se mostra norteadora do pensar individual e coletivo. É ela que forma, define e sistematiza aquilo que chamamos de organização social.

Assim, integrar-se socialmente é poder realizar todos os tipos de leitura, entender e refletir criticamente sobre o processo de construção social. Qual é a sociedade de que faço parte? Quem são ou quem foram os agentes do processo? Como isso está relacionado a quem eu sou e como enxergo o mundo? A literatura como uma forma de expressão maior da linguagem nos permite questionar mais que obter respostas. É, justamente, por nos trazer mais perguntas que podemos refletir criticamente sobre como enxergamos o mundo, como realizamos essa leitura das relações humanas:

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. (COSSON, 2016, p. 17)

A leitura da obra literária nos permite refletir criticamente sobre os fenômenos que nos cercam cotidianamente, uma vez que nos colocamos no lugar do outro sem deixarmos de sermos nós mesmos. É uma vivência ficcional, a qual se faz presente através do conceito de verossimilhança, e, assim, conseguimos adquirir novas experiências sem mesmo realizá-las. O que nos permite dizer que:

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter lugar especial nas escolas. (COSSON, 2016, p. 17)

E será que a literatura presente nas escolas é ensinada para que pensemos criticamente? Muitas vezes, o que percebemos é uma utilização alegórica do texto, um trabalho na sua superfície que não requer um aprofundamento reflexivo nem linguístico. Basta realizar sua leitura e buscar, no texto lido, as informações para completar os exercícios gramaticais. O resumo do texto, as obras literárias adaptadas, as características de cada escola literária

apresentadas de maneira histórica são todos empecilhos da vivência ficcional, que só uma experiência de imersão sobre a obra literária pode proporcionar. Machado de Assis, no prólogo da terceira edição de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), apresenta ao leitor, como defunto autor, a importância que se elege da leitura da própria obra:

AO LEITOR

Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, coisa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte e, quando muito, dez. Dez? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião.

Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado. **Conseqüentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas *Memórias***, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nimamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. **A obra em si mesma é tudo:** se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus. (ASSIS, 2006, prólogo, grifo nosso)

Quando o defunto autor reflete sobre a importância da obra, ele está nos dizendo que a obra em si mesma é tudo, porque é nela que consistem os caminhos que nos levam a refletir criticamente sobre nós e sobre o outro. A obra se fundamenta na nossa existência e seu processo transformador, catártico, só acontece por meio do processo de deglutir a própria perplexidade diante da obra que se materializa como vida. O trabalho superficial sobre obras literárias empobrece e desmerece nosso aluno e a nós mesmos, professores, uma vez que não se acha sentido no estudo do texto. O conteúdo literário não pode estar limitado e fundamentado unicamente em sua escola literária, período histórico, é preciso trabalhar a literatura com base em seu caráter universal, transformador e reflexivo, ideia que se assemelha à visão de Cosson (2016, p. 23):

Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. Em primeiro lugar porque falta um objeto próprio do ensino. Os que se prendem aos programas curriculares escritos a partir da história da literatura precisam vencer uma noção

conteudística do ensino para compreender que, mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência de leitura a ser compartilhada. No entanto, para aqueles que acreditam que basta a leitura de qualquer texto convém perceber que essa experiência poderá e deverá ser ampliada com informações específicas do campo literário e até fora dele.

Nessa função de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza Cosson (2016), fundamenta-se a importância da leitura da obra em si mesma, como nos apresenta o defunto autor. Assim, Machado de Assis, em sua literatura universal, mostra-nos a partir do drama de caracteres¹ a importância de nos reconhecermos como sujeitos cindidos em nossos eus que dionisicamente se somam para que haja a representação da interioridade humana. É essa revolução estética através do drama de caracteres, por exemplo, que precisa ser trabalhada dentro de sala de aula. A superficialidade e o deleite devem ser substituídos por um estudo que nos forneça conteúdo formal e reflexão crítica embasada na própria complexidade da obra. É no estudo da estética do texto e de suas composições que se encontra o argumento fundamental da diferença entre a história e a literatura.

[...] Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço.

Ao ler, estou abrindo a porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. Se acredito que o mundo está absolutamente completo e nada mais pode ser dito, a leitura não faz sentido para mim. É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa. (COSSON, 2016, p. 27)

Entendemos que ler significativamente seja dar uma oportunidade de significação ao texto; nesse contexto se justifica sua leitura crítica. Dessa forma, a condução de uma leitura literária é entender de que maneira a sua composição linguística se atrela à sociedade. Nós precisamos enxergar um sentido naquilo que fazemos para que haja significação. Nada na vida pode ser buscado sem que haja sentido no que fazemos. Um sentido literário, então, é entender, definir e estudar a composição estética para além de suas definições. É estender o seu princípio de linguagem humana a todos os fenômenos que nos cercam. “O efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros” (COSSON, 2016, p. 28), é entender

¹ Drama de caracteres: o professor Ronaldo de Melo e Souza, em seu livro “O romance tragicômico de Machado de Assis” (2008), apresenta-nos a visão tragicômica. A invenção machadiana do romance singularizado como drama de caracteres se evidencia quando se compreende que o narrador se comporta como encenador irônico dos conflitos e vicissitudes dramáticas dos personagens.

que fazemos parte de uma civilização capaz de expressar o que sentiu, o que viveu e o que pensou. É preciso que nos questionemos diante do texto, debatamos com ele suas verdades ou, até mesmo, e assim mais plausível, suas dúvidas.

Quando questionamos um texto, questionamos a nós mesmos e nossa participação no mundo, a forma com que nos posicionamos e nos reconhecemos influencia na forma como agimos e somos reconhecidos socialmente. No poema “Ideal”, de Luis Fernando Verissimo, nos colocamos diante de uma provocação estética e significativa:

Ideal
 Poema
 ideal
 é o
 que
 de cima para baixo e
 de baixo para cima
 quer dizer o mesmo
 como este que
 quer dizer o mesmo
 de baixo para cima
 de cima para baixo e
 que
 é o
 ideal
 poema.
 (VERISSIMO, 2010, p. 84)

O paralelismo das estruturas que compõem o poema produz um efeito estético e imagético capaz de despertar o interesse e a curiosidade de antemão sobre o texto. As rimas internas e externas produzem uma sonoridade rítmica capaz de nos levar, tão depressa, que mal conseguimos voltar para lê-lo novamente de maneira ideal. E será que existe ideal? O poema é ideal? A leitura é ideal? O eu lírico é ideal? Existe poema ideal? O ideal é bom? O que é o ideal? Quem é ideal? Se o poema não for ideal, não podemos escrevê-lo? A leitura literária ou significativa, ou ainda, crítica é justamente essa feita de dúvidas que nos permitem uma interação dinâmica não só com o texto, mas também com nosso grupo social, com nossos alunos, com o nosso mundo.

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito de linguagens. (COSSON, 2016, p. 30)

Como vemos, a leitura literária é importante não só para o encontro com a literatura como também para a formação humana, no sentido de conhecimento do outro, que age e interage de acordo com sua cultura e características individuais.

4.2 Qual a importância da poesia?

Nossa sociedade se comunica de forma complexa por diversos gêneros textuais que integram a rotina cotidiana, seja dos meios mais formais, em que se tem a formulação de documentos oficiais, seja no convívio familiar mais informal. Os gêneros textuais abrangem e permeiam a comunicação humana de acordo com sua necessidade de interação. A linguagem é volátil e a língua, por sua vez, segue a evolução humana da mesma forma como um organismo vivo, que é capaz de se adaptar ao seu tempo. Essa interação entre os gêneros textuais e a sociedade, que os utiliza, é destacada em:

Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como **modelos estanques** nem como **estruturas rígidas**, mas como **formas culturais e cognitivas de ação social** corporificadas de modo particular na linguagem, veremos os gêneros como entidades dinâmicas. (MARCUSCHI, 2011, p. 18, grifo do autor).

O autor concebe, então, os gêneros textuais como formas culturais e cognitivas de ação social, apontando a importância das relações estabelecidas pela linguagem dentro de uma comunidade linguística. Essas relações determinam vivências e visões de mundo, e através dessa troca dinâmica e corrente, fazemos a leitura do universo que nos cerca. Toda experiência e percepção dessa experiência revela uma nova realidade, ou melhor, permite a interpretação das ações, nas quais estamos inseridos. Essas relações linguísticas estabelecidas pelos gêneros textuais nos levam verdadeiramente a ações sociais. Desse modo, entender os significados dos textos é fundamental para a interação social, para que possamos estar incluídos como cidadãos reflexivos no contexto político, escolar, familiar, dentre outros. Marcuschi et al. (2011) aponta, ainda, que “se a escrita está envolvida, ocorre uma visão diversa da parte de quem lê e de quem não lê, o que permite uma socioanálise das relações entre gêneros e letramento” (MARCUSCHI, 2011, p. 25). É justamente essa socioanálise que devemos destacar nos estudos dos gêneros textuais. Uma das formas de marginalização e de exclusão social está vinculada ao poder daqueles que detêm a informação e fazem dela ferramenta de segregação. Daí, a importância e a necessidade de um ensino linguístico que se baseie, de fato, na produção,

interpretação e inferência desses gêneros textuais. É importante que um ensino funcional e produtivo da língua e da literatura de fato se faça presente nas escolas:

[...] O objetivo é sugerir que as atividades de leitura propostas ao aluno, quando este se debruça sobre o texto literário, têm sempre de ser centradas no significado mais amplo do texto, significado que não se confunde com *o que o texto diz*, mas reside no *modo como o texto diz o que diz*. (LAJOLO, 2008, p. 50, grifo da autora)

Daí, a importância de a leitura ser direcionada com questionamentos e cabe ao professor a mediação entre o texto e o aluno, levando-o a perceber o trabalho linguístico e sua contribuição social ao refletir sobre determinado assunto.

Em meio a toda essa interação entre os gêneros e a sociedade, encontra-se o gênero poético, pouco destacado entre os múltiplos gêneros em prosa que permeiam nosso ambiente de interação. O primeiro contato com o texto e sua reflexão geralmente se inicia nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, tendo continuidade ao longo do Ensino Fundamental II e culminando no Ensino Médio. Acreditamos que esse primeiro contato com o gênero faz a ponte necessária entre um leitor e o texto em questão. Pouco ou quase nada, entretanto, se tem observado nesse caminho em direção ao gênero poético:

A primeira fase de ensino fundamental (1º ao 5º ano) apresenta problemas graves no trato com o gênero poético – isso quando existe contato! Normalmente, as professoras dão prioridade ao trabalho com textos em prosa, deixando sempre a poesia em segundo ou terceiro plano. (PINHEIRO, 2018, p. 12)

Essa falta de contato ressaltada pelo autor é, muitas vezes, a realidade de nosso ensino com relação ao estudo da poesia. É preciso destacar a importância do gênero poético para o aluno que está inserido em uma sociedade. Entender, inferir e argumentar são ações fundamentais em uma sociedade que se comunica através de múltiplos gêneros. A poesia, por sua vez, é um texto literário que apresenta ao seu leitor não só a eclosão de sentimentos, mas uma gama variada e complexa de diferentes realidades e formas de se enxergar o mundo, colocando-se no lugar do outro, abrindo novas perspectivas, proporcionando, assim, vivências sociais capazes de fazer com que haja uma reflexão sobre a realidade em que se encontra o leitor em questão. Diante disso:

Leitores ampliam seus horizontes emocionais e intelectuais, adquirindo novas dimensões de saber e autocompreensão através de obras literárias. Esse é um dos motivos frequentes de recomendação da leitura de textos literários como complementação da educação da pessoa, como se uma percepção mais clara de certas “realidades” pudesse emergir através da experiência literária. (LEAHY-DIOS, 2004, p. XXVIII, grifo da autora)

Estamos nos referindo, justamente, a essa mudança ocasionada pela leitura literária a que se refere à autora. A realidade com a qual nos deparamos, muitas vezes, torna-se insensível no decorrer do dia a dia. É preciso que haja uma reflexão, muitas vezes até brutal, que nos leve a questionar o nosso papel diante da vida, diante da nossa existência e diante das outras pessoas com quem convivemos. (KRAUSE, 2013, p. 26), professor do Instituto de Letras da UERJ, em seu artigo intitulado “Por que a literatura é tão estranha?” apresenta-nos a literatura como uma figura personificada e estranha, na medida em que afirma: “A Literatura fratura o hábito e nos força a prestar atenção, tanto nela mesma quanto na realidade” assim, perceber a realidade de outra maneira é modificá-la, fazendo com que os caminhos traçados por nós, indivíduos sociais, possam ser modificados, ou não, de acordo com a nossa escolha; escolha essa feita de forma consciente diante de todas as reflexões proporcionadas pelos questionamentos surgidos a partir da estranheza causada pela obra literária. Leahy-Dios afirma: “Assim, a lacuna maior a ser preenchida nas aulas de literatura seria a descoberta de possibilidades através do exercício de capacidades críticas na leitura literária” (LEAHY-DIOS, 2004, p. XXXIII).

Essas capacidades críticas, a que estamos dando valor, essa construção do saber que se eleva pela ampliação da realidade em questão, muito variada dentro de uma sala de aula, principalmente, nas escolas públicas, onde há diversas realidades sociais no mesmo ambiente de ensino, estabelecem a relação entre uma leitura significativa, capaz de conferir autorreflexão e a leitura superficial, rasa, sem significação de mundo, destituída de sentidos. Por isso:

A transformação de nossas experiências de mundo em matéria textual envolve, necessariamente, fatores socioculturais e recursos de expressão comuns aos membros da comunidade. Uns e outros se refletem em nossos textos, na medida em que, balizando nossas escolhas por meio de um sistema coletivo de representações, fazem do que dizemos / escrevemos um meio de contato que viabiliza o entendimento entre dois sujeitos. Portanto, o que ‘vale’ para a interação por meio da palavra não é o que ‘está na minha cabeça’, mas o que meu interlocutor compreende graças aos sinais que produzo. (AZEREDO, 2018, p. 10, grifo do autor).

O autor considera que a importância de um texto, seja ele verbal ou não verbal, está na relação de envolvimento tanto daquele que escreve, quanto daquele que lê (interpreta) os sinais estabelecidos pelo texto. Essa relação demonstra que existe uma motivação por parte de quem produz um texto. Assim, um texto poético, por exemplo, possui não só as mensagens que se apresentam na superfície da palavra, mas também relações mais profundas estabelecidas pela combinação texto / sociedade. E é a partir dessa relação que se pode entender que:

Os textos literários, em especial, não têm compromisso com o mundo dos fatos. Literatura não é reportagem, nem jornalismo ou história. Textos literários não falam necessariamente das “realidades” que nossos sentidos nos permitem testemunhar; falam de outra realidade, menos óbvia, porém mais

profunda, a realidade a que estamos todos submetidos por força de uma condição comum: a condição humana. (AZEREDO, 2018, p. 83, grifo do autor).

Pensando nessa experiência profunda a que se refere Azeredo, podemos depositar grande parte da importância do texto poético. A interação entre o leitor e seu texto literário deve ser capaz de provocar um sentimento catártico, propiciador de reflexões impulsionáveis, transformadoras, impertinentes, notórias de uma autorreflexão. Essa ideia mostra que:

Literatura é, do ponto de vista estilístico, recriação verbal, guiada pela imaginação, do mundo que a memória e os sentidos põem ao alcance do homem. Tanto o processo quanto o efeito dessa recriação testemunham um dom exclusivo do ser humano: a capacidade de mergulhar em si mesmo, de indagar-se sobre o sentido (ou a falta de sentido) de sua existência, de dar-se respostas ou de tornar-se cético perante a ausência delas. (AZEREDO, 2018, p. 83).

Nem sempre o texto literário terá alguma razão que nos faça questionar o sentido, ou não, da nossa existência. Mas a capacidade de tornar a realidade diferente através do processo de um colocar-se no lugar do outro, enxergar vieses alheios a nós, é entender que a Literatura é maior do que o objeto da arte em si; ela é transgressora de realidades, fundamentando-se na nossa necessidade maior que se estabelece na essência do convívio social e, por isso “A literatura é um forma de arte, como a música e a pintura. Mas uma peculiaridade lhe confere uma responsabilidade social exclusiva: o fato de usar, como meio de materialização, a mesma linguagem do cotidiano das pessoas” (AZEREDO, 2018, p. 84), proporcionando, dessa forma, um olhar diferenciado para as rotineiras ações realizadas por nós. Assim, o cotidiano no qual estamos inseridos se apresenta na perspectiva da complexidade, as partes que compõem um sistema, ou seja, uma sala de aula ou uma unidade escolar, estão em constante processo de interação, auto-organização, autorregulação e reagem a estímulos tanto internos quanto externos (MORIN, 2000, 2005). O ambiente da aprendizagem está, então, dotado por múltiplos recursos tecnológicos que configuram no acréscimo de múltiplas semioses e nos fazem pensar sobre a necessidade de entendermos que a tecnologia precisa ser uma ferramenta no estudo do poema. Sendo ela uma representante do mundo em que vive o aluno do século XXI. É essa relação entre o poema e a tecnologia que iremos abordar na seção seguinte.

5. POESIA E TECNOLOGIA

“Satélite

*Fim de tarde.
No céu plúmbeo
A Lua baça
Paira
Muito cosmograficamente
Satélite.*

*Desmetaforizada,
Desmitificada,
Despojada do velho segredo de melancolia,
Não é agora o golfão de cismas,
O astro dos loucos e dos enamorados.
Mas tão-somente
Satélite.*

*Ah Lua deste fim de tarde,
Demissionária de atribuições românticas,
Sem show para as disponibilidades sentimentais!*

*Fatigado de mais-valia,
Gosto de ti assim:
Coisa em si,
- Satélite.”*

(Manuel Bandeira)

As concepções surgidas na hipermodernidade deram certo destaque ao pluralismo linguístico. O estudo da linguagem se faz com o auxílio de distintas ferramentas surgidas com o desenvolvimento da tecnologia. Esse desenvolvimento tecnológico também impulsionou o aparecimento de outros gêneros textuais e enunciados que permeiam nosso cotidiano, transformando-o em uma grande teia que é capaz de ligarmos com mundo quase de maneira física. Através dessa pluralização percebemos a importância da presença da tecnologia como ferramental de leitura das relações sociais.

5.1 O Gênero Poético na mídia digital

Na mesma linha de raciocínio, o poema, inserido como gênero textual também tem seu objeto de cunho social e, portanto, a sua posição em meio àqueles que o produzem ou as pessoas

às quais ele se dirige. O gênero poético não está alheio à realidade em que se insere. É meio de conexão entre distintas faces sociais e, acima de tudo, seu reflexo. Isso se observa, a título de exemplo, as gerações modernistas. O Modernismo apresentou, como uma de suas finalidades, a quebra de padrões típicos a movimentos anteriores, tais como o Parnasianismo. A válvula de escape para tal objetivo foi a inspiração no contexto cotidiano, que nada mais é do que o espelho dos aspectos sociais. Por isso, cada geração modernista possui um estilo de produção literária diferente. Cada uma é condizente com o período no qual se insere. A poesia drummondiana, por exemplo, é carregada de críticas à humanidade, o que traduz com a devida atenção o momento turbulento pelo qual o mundo passava: intensas crises, períodos difíceis de reestruturação após guerras e movimentos sociais.

Através da adoção do cunho social como objeto dos gêneros textuais e acima de tudo da própria linguagem, conseguimos visualizar o porquê de os simples diálogos terem-se tornado também formas diferentes de fazer literatura. O cotidiano se reflete nas modalidades literárias e vice-versa; afinal de contas, a intertextualidade passa a fazer parte da vida das pessoas. Não raro, vemos as pessoas se valendo de frases de livros, filmes e séries em seu dia a dia, a fim de descrever suas emoções e sentimentos. Tudo isso apenas comprova que as ações humanas estão estreitamente relacionadas à linguagem. Nesse sentido, a tecnologia ganha espaço suficiente a fim de aproximar com intensidade a linguagem às atividades humanas. Rojo (2015) considera os gêneros efetivamente primários em sociedades urbanas complexas, como estas em que vivemos. É possível, contudo, questionar essa ideia, uma vez que os conceitos de gênero primário e secundário possuem um tom de generalidade e indeterminação. O que poderíamos considerar como uma atividade simples, cotidiana no mundo contemporâneo em que vivemos? O envio de uma mensagem no *whatsapp*, por exemplo, seria um exemplo de gesto simples, muito frequente na vida de qualquer um no contexto atual. Esses conceitos, portanto, requerem uma redefinição diante da crescente criação de linguagens e gêneros textuais pelos meios de comunicação. Novamente, percebe-se que o cunho social dos gêneros textuais é a fonte de sua complexidade. Conforme se verifica a alternância de períodos e contextos, a própria definição do que vem a ser um gênero textual faz jus a atualizações que, por sua vez, são produtos da criatividade humana e busca por enquadramento conceitual diante da dinamização das relações humanas.

Com a poesia, o tratamento não deixa de ser diferente. O cenário de dinamização das relações sociais faz com que a poesia se remodele e admita distintas formas. Esse gênero textual se revela, mais uma vez, como produto da liberdade humana e de sua criatividade. Conota-se, portanto, como expressão do pensamento e do raciocínio. Ao mesmo tempo em que se presta a

manifestar as ideias, serve também a criticá-las. Não raro, é possível visualizar nas redes sociais que a população se vale da poesia para se posicionar diante de acontecimentos caóticos a fim de expressar sua indignação. As figuras abaixo são exemplos dessa dinâmica trazida pelo poema na mídia digital.

O clima ao avesso
Enlouquece as estações
Perturba o céu desta Terra de tantas tragédias.
Pássaros cruzem um céu de cinzas
Amargam noites de medo
E amanhecem sem ver as águas de um rio.
Não há mais rios doces nem inocentes
Águas sujas escoam lentas em leitos mortos
Ou já nem correm na longa noite funérea.
Quando o iodo e a lama enterram os mortos
de Minas
E apagam as metáforas da passagem do
tempo
Peixes, rios, plantas sufocados
Morrem envenenados pela fumaça da floresta
Queimada por homens com olhos de cobre
Corações ferozes e mãos pesadas de tanta
ganância
O sol reflete na terra mapas sombrios
Manchas enormes na natureza calcinada
Esse pesadelo incendeia o mundo
Nos faz inimigos da natureza, nossa infância
Somos inimigos de nós mesmos, inimigos da
vida e da esperança.
Milton Hatoum

Fonte:

<http://conexaoplaneta.com.br/blog/milton-hatoum-escreve-poesia-para-a-mobilizacao-do-clima-inspirado-pela-tragedia-do-rio-doce/>

Figura 09: Reportagem sobre o rompimento da barragem em Minas Gerais



16:18 100% [icons] [icons]

google.com/amp/s/g1.globo.com [6] [menu]

g1.globo.com [share]

G1 MINAS GERAIS

Barragem da Vale se rompe em Brumadinho, MG

Mar de lama avançou sobre área administrativa da empresa e casas na área rural da cidade.

Por **G1 Minas** — Belo Horizonte
25/01/2019 12h17 · Atualizado há um ano

[share]



Tragédia em Brumadinho acontece três anos depois do desastre ambiental em Mariana

[menu] [home] [back]

Fonte: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/01/25/bombeiros-e-defesa-civil-sao-mobilizados-para-chamada-de-rompimento-de-barragem-em-brumadinho-na-grande-bh.ghtml>

Como bem classifica Rojo (2015), os gêneros de texto são, acima de tudo, entidades da vida. Por isso, é complexo defini-los de uma maneira concreta. Carregam consigo um tom de indeterminação e vagueza. Trata-se de conceito flexível, uma vez que tende a alargar-se toda

vez que são criados novos meios de propagação da linguagem. Não é à toa que os gêneros textuais não são alvo de interesse apenas de professores de Português, mas de qualquer um que tenha contato com alguma forma de comunicação e busque compreendê-la melhor. Os gêneros textuais são, portanto, acima de tudo, produto da comunicação humana.

A poesia, que pode ser materializada no poema, ocupando seu lugar de gênero textual, constitui-se, assim, como entidade da vida e, portanto, dotada de energia e conectada à ação humana. A poesia é força viva, se insere nos arredores mais intrínsecos da razão, expressão e emoção humana, manifestando-se em qualquer linguagem.

Ao mesmo tempo em que a poesia reflete o comportamento do indivíduo, ela se encarrega de influenciá-lo, através do estímulo à crítica dos atos presentes no cotidiano. Acreditamos ser esse o sentido atribuído por Rojo (2015, p. 28) ao mencionar que os gêneros discursivos possuem “existência e força na vida social”. A força da poesia na vida social pode manifestar-se, inclusive, como uma forma de controle social. Pode tratar-se, portanto, de um mecanismo de influenciar a maneira como os indivíduos se comportam. Existem instrumentos que buscam tal objetivo através da coerção, como as leis. Outros, como a poesia são meios de reflexão, corroborando que a mudança de comportamento é possível através do diálogo e da propagação de ideias plurais. A poesia é capaz de fazer adentrar a fundo o nosso olhar na realidade e, através disso, abrir a discussão sobre a necessidade de mudança de atitudes diante de acontecimentos. Como podemos observar, nos posts que se seguem, nos quais a resistência às mazelas sociais de outrora são questionadas no perfil da rede social *Instagram* pelo perfil *Imaginaversos*:

Figura 10: Perfil público da rede social



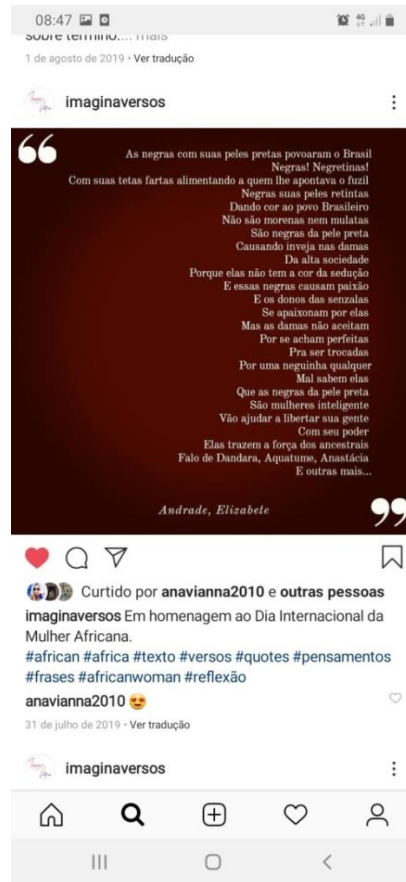
Fonte: Instagram

Figura 11: Perfil público da rede social



Fonte: Instagram

Figura 12: Perfil público da rede social Instagram



Fonte: Intagram

Os poemas questionam a realidade abrupta em que se encontram as mulheres negras herdeiras de tanta dor e resistência. O que nos permite um questionamento holístico de nossa sociedade hoje.

Devemos nos lembrar, a todo o momento, que o poema é, acima de tudo, um gênero textual. Isso nos conduz também a pensar no poema como fonte de poder. A sociedade, para o autor é um centro de relações de poder. Ora, o poema, sendo um gênero que possui objeto de cunho social não deixa de estar atravessada por essas relações de poder. Assim, se destina a questioná-las.

A referida posição nos remete às posições do filósofo Michel Foucault. O autor é representante de uma corrente denominada “Desconstrutivismo”. Como literalmente demonstra o termo “desconstrutivismo”, Foucault (2002) na obra “A Verdade e as Formas Jurídicas” - pretende romper os estereótipos e paradigmas existentes na sociedade, através do estudo de relações de poder. Essa ideia conduz justamente à crítica entre teoria e prática. Para tanto, Foucault realiza um estudo com base em diferentes contextos históricos. Dentre eles, vale destacar o período inquisitivo, no qual o filósofo examinou a figura do suplício. Assim, a análise

pela visão foucaultiana nos permite visualizar a face da poesia de romper os padrões presentes na sociedade, por meio do questionamento das relações de poder que a atravessam.

Ademais, é mister ressaltar o poder do discurso na sociedade e o seu peso na missão de influenciá-la. O discurso se projeta no cotidiano, através da oralidade, mas também através da escrita, através das mais variadas formas de poesia. O pós-modernismo consagrou a ideia de rompimento com as formalidades e a apreciação do conteúdo de crítica social.

No âmbito das tecnologias, a mídia é uma importante figura que emerge como controle social. A poesia contemporânea em muito reflete criticamente situações cotidianas que chegam aos nossos olhos através da propagação midiática. A mídia pode ser, portanto, um mecanismo de controle social capaz de influenciar outros meios de controle social. O poema pode servir, desse modo, à retratação, de acordo com as ideias divulgadas pela mídia ou a criticá-la. Vale ressaltar que o poema, como a literatura em geral, combinado com o fator de exposição ao público, constitui-se uma forma de contato a ideias enunciadas pelos escritores e, assim, é capaz de possibilitar a crítica das referidas posições. A crítica se faz importante na medida em que através dela se coíbem posturas que não sejam condizentes com uma convivência pacífica ou que pareçam não solucionar os problemas sociais.

5.2 A mídia, o poema e a crítica social

É importante aqui recorrer a outro autor a fim de destacar o papel do fator público como meio de estimular a divulgação dos gêneros textuais e, dessa maneira, fomentar a crítica ao contexto em que vivemos.

A ideia de exposição ao público é retomada e ganha uma nova abordagem de acordo com o pensamento de Pierre Bourdieu (1997). Um dos grandes enfoques desse pensador foi justamente a mídia. Bourdieu (1997) dividiu em sua obra “Sobre a Televisão” seu estudo em diferentes campos, entre eles, o midiático. As relações entre campos das mídias e outros campos sociais, como o acadêmico e o político, são mediadas através da atividade jornalística. A mídia ocupa importante papel na produção simbólica das sociedades contemporâneas. O poder se exerce em diferentes dimensões do sistema de produção, que aparecem cumulativamente na linguagem, nos roteiros de programas e até na própria grade de programação do gênero opinativo.

É possível estabelecer uma crítica no sentido dos efeitos de controle social os quais a mídia alcançou com a expansão de novas tecnologias. É perceptível a existência de tendências

mais progressistas e mais conservadoras. Isso se explica também pela ascensão de movimentos sociais. Um dos perigos referentes à função midiática se encontra na sua função sensacionalista, capaz de distorcer as informações e prejudicar um debate mais democrático e pluralista da sociedade.

A poesia, portanto, possui o caráter de questionar as distorções trazidas pela mídia ou até mesmo criar novas. Essas distorções podem se projetar no campo da poesia em diferentes sentidos, em seu campo e em seu campo material (o conteúdo da poesia possui âmbito de abordagem muito extenso, sendo possível que o mesmo abranja desde os pensamentos mais íntimos do autor, até fatos públicos e notórios pela sociedade). Tudo que está exposto ao público necessita, contudo, respeitar a intimidade e a privacidade daqueles envolvidos no conteúdo divulgado, sob risco de frustrar os próprios objetivos intrínsecos à poesia, entre eles a busca por equilíbrio na sociedade.

A pressão que a mídia exerce pode ser suficiente para que a pessoa exteriorize uma opinião, mas que talvez defendesse outra, caso não tivesse sido influenciada pela mídia. A influência que as imagens ou palavras podem trazer também é capaz de interferir na construção das opiniões. De acordo com Bourdieu (1997, p. 26), “As palavras fazem coisas, criam fantasias, medos, fobias ou simplesmente representações falsas”. Dessa forma, podemos entender que a poesia é capaz de explorar com profundidade as mazelas sociais e se posicionar perante a elas. Nesse quesito, é importante recorrermos a um novo autor no intuito de fortalecer a discussão acerca da importância da poesia no mundo contemporâneo e a maneira como ela dialoga com a era tecnológica na qual estamos inseridos. A poesia é também forma de produção e transmissão de conhecimento.

Boaventura de Sousa Santos desenvolveu um vasto estudo no ramo da Sociologia. Dentre eles, se destaca os estudos voltados a dar visibilidade aos povos que foram durante muito tempo alvo de exclusão. Em seu livro chamado *Epistemologia do Sul* (2010) faz referência e analisa o conjunto de métodos e de conhecimentos dos povos originários que acabou por ser desprezado pela epistemologia europeia capitalista, uma vez que esse pensamento deteve o monopólio de produção científica nas regiões conquistadas e colonizadas. Ele defende uma doutrina epistemológica contemporânea denominada “ecologia dos saberes” que prega uma abertura de zonas de diálogo e espaços para a produção de conhecimentos do sul no atual contexto científico, assim, proporcionando visibilidade às diversas cosmovisões desses povos do “Sul”.

A poesia, portanto, também ocupa seu papel de destaque na referida doutrina, ao passo que funciona como meio de transmissão de ideias entre distintos ramos da sociedade. Não

pressupõe nenhuma plataforma tecnológica a fim de que seja acessada por determinado grupo. Além disso, não deixa de ser forma de produção de conhecimento, na medida em que através dela se descobrem novas maneiras de organização das ideias, novidades em termos de estruturas, técnicas sintáticas e gramaticais. Reinventam-se figuras de linguagem e o meio como são colocadas de acordo com cada gênero textual. A mudança na organização também conduz a novas formas de interpretação.

Na mesma linha de raciocínio, o poema pode vir inserido ou aliado a outros gêneros textuais, consagrando-se a intergenericidade como já citado neste trabalho em Marcuschi (2008). Como dito anteriormente, na contemporaneidade, não há limites para criações de novas formas de se fazer poema. A todo o momento, os padrões são rompidos ou reinventados. Os poemas não possuem mais estilo parnasiano, podem conter piadas, diálogos e por que não dizer imagens ou desenhos contornando o seu entorno? A hipermodernidade é caracterizada, portanto, pelo pluralismo de gêneros textuais, inclusive, a própria combinação entre si dos mesmos.

O poema apresenta-se no intuito de orientar a vida individual e coletiva, ao mesmo tempo em que é orientado pelos acontecimentos que envolvem o homem. Afinal, a poesia é entidade viva, movida pela força do pensamento, das ideias e sentimentos daquele que a exterioriza.

Valendo-se novamente das lições de Bourdieu (1997), a sociedade está repleta de campos, espaços nos quais as pessoas alternam suas posições, na disputa de capitais culturais, econômicos e simbólicos, por exemplo. As pessoas são dotadas de aptidões sociais (*habitus*), variáveis, de acordo com o tempo. A arte da produção poética pode ser analisada como uma das manifestações do *habitus*. Aquele que tem a arte de ser poeta busca manter seu equilíbrio dentro de um campo caracterizado por intensas disputas de poder. O *habitus*, então, nesse caso, adquire sentido de comportamento humano voltado a manter uma postura crítica e reflexiva na busca da estabilidade dos sistemas sociais e se revela através de atos escritos.

A poesia representa um exemplo de como uma produção da atividade humana se caracteriza como esfera de comunicação, afinal, ela é uma fonte de despejo de reflexões, sentimentos e críticas feitas de acordo com a linguagem do autor. O poeta tem ampla margem de liberdade para usar marcas da oralidade, bem como regionalismos ou expressões popularizadas no contexto em que se insere.

Na mesma linha de raciocínio, a internet foi um meio capaz de trazer diferentes formas de se produzirem linguagens. Frequentemente as pessoas utilizam expressões típicas de redes sociais para se expressar pessoalmente no dia a dia. A poesia na hipermodernidade, desprezando

o compromisso exacerbado com as formas pode inclusive se valer das mesmas expressões e, dessa forma, atrair o público a que se destina, inclusive o uso das marcas da informalidade pode ser suficiente para atrair novos leitores que se sentem familiarizados com essas marcas. A internet pode ser, portanto, uma nova maneira de despertar o interesse dos usuários pela poesia, os quais se divertem ao reconhecer falas de seu cotidiano impressas nas produções literárias.

A poesia, assim, possui o condão de refletir as disputas de poder presentes nos mais diversos campos da sociedade e se revela como instrumento de pôr em dúvida o suposto “equilíbrio” presente em cada campo. Esse equilíbrio deriva, de fato, de uma harmonia social ou é uma falsa impressão do que nos é transmitido por via midiática? Visualizamos, aqui, uma das missões do poeta, que é verificar a existência dessa possível estabilidade, que, muitas vezes, não está presente. Assim, há poesias que se mostram complexas para o leitor comum, no caso, nossos alunos, demonstrando que o reflexo da atividade humana é complexa. Os nossos pensamentos são turbulentos, recheados de impressões e sentimentos que a própria razão humana, muitas vezes, encontra dificuldade de compreender. A poesia busca, portanto, exteriorizar a complexidade da ação humana e, dessa forma, buscar alternativas de lidar com ela.

A referida utilização da poesia corrobora novamente a relação entre as atividades humanas, entre elas a interação social viabilizada pela comunicação e a produção literária. O poema não está alheio à realidade na qual se insere, é produto dos contextos, campos e práticas sociais que o inspiram. Nesse sentido, é possível se ter:

[...] uma visível vinculação entre as práticas sociais, os tipos de interação verbal, os gêneros e as esferas de atividade. Cada uma dessas esferas/campos de atividade, ao mesmo tempo, engendra e é engendrada por certos tipos de interação verbal admitidas nas práticas sociais, o que nos permitiria falar, então, em “esferas/campos de comunicação”. Nestas, circulam certos gêneros que refletem e refratam as restrições impostas pela correlação de posições sociais, pelo jogo de interesses e pelas finalidades próprias dessas esferas e, ao mesmo tempo, cristalizam as formas de discurso – os gêneros – mediante as quais se materializa seu funcionamento. (ROJO, 2015, p. 71, grifo da autora)

O poema é gênero textual dotado de riqueza valorativa. À sua composição estão intrínsecos os pensamentos, impressões, sentimentos e sensações do autor que, por sua vez, estão relacionadas aos valores socioculturais que preenchem sua vida individual. O autor também imprime em sua obra valores coletivos, que variam de acordo com o contexto histórico no qual se inserem.

Decerto que há certos gêneros textuais que, necessariamente, requerem maior formalidade, tais como documentos endereçados a autoridades políticas ou jurídicas. O poema,

em contraponto, possui maior liberdade em termos de adoção e mistura de estilos referentes à sua composição. O poema é um instrumento que pode consagrar com clareza a combinação de estilos individuais (do poeta) a estilos linguísticos.

A liberdade temática e estrutural que caracteriza o poema no cenário de hipermodernidade confirma que a estabilidade nesse gênero textual é apenas relativa. Isso porque mesmo a rotina mais monótona a ser retratada está sujeita a se reinventar.

Tal ideia reflete o cenário contemporâneo em que vivemos, no qual o simples retrato do cotidiano, que em princípio pode parecer estável e monótono, se altera e se reinventa a cada dia, de acordo com o ponto de vista de cada um que o vive e o interpreta. O poema nos traz essa missão de analisar com diferentes olhares a mesma realidade, visando ao rompimento da ideia de que, para alguns, a vida já atingiu a sua estabilidade. Assim, no contexto contemporâneo, o poema adquire a importante função de ressaltar a importância de reinventarmos a cada dia nosso cotidiano, nossas atitudes, bem como os olhares que projetamos para a realidade do próximo, por mais semelhante que a mesma seja.

5.3 A multimodalidade e o poema

A poesia pode consagrar com clareza o que denominamos de textos multimodais. O cenário de rompimento de padrões, característico na hipermodernidade, permite que sejam utilizados diferentes recursos linguísticos na composição de um poema. Ele pode se valer de ritmos, ilustrações e também alterações estruturais, tais como espaçamento. O poema se revela, portanto, como uma forma de integração de distintas práticas culturais, contribuindo para propagar e intensificar o cenário de interconexão que a hipermodernidade nos traz. Nesse sentido, imperioso trazer o conceito de texto multimodal:

Texto multimodal ou multissemiótico é aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição. Língua oral e escrita (modalidade verbal), linguagem corporal (gestualidade, danças, *performances*, vestimentas – modalidade gestual), áudio (música e outros sons não verbais – modalidade sonora) e imagens estáticas e em movimento (fotos, ilustrações, grafismos, vídeos, animações – modalidades visuais) compõem hoje os textos da contemporaneidade, tanto em veículos impressos como, principalmente, nas mídias analógicas e digitais. (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 108)

A multimodalidade se estendeu até mesmo a textos jornalísticos, cuja linguagem é necessariamente dotada de maior formalidade que nos gêneros poéticos, por exemplo. O cenário de hipermodernidade nos mostra, portanto, que o rompimento com padrões excessivamente

formais inicia-se com gêneros como o poema, mas possui tendência a ser adotado por outras modalidades. A poesia, portanto, é o primeiro passo a inspirar a flexibilidade estrutural em outros gêneros discursivos. A tecnologia é o mecanismo capaz de impulsionar a adoção das semioses, uma vez que a mídia digital permite maior inserção de mecanismos audiovisuais. Na mesma linha de raciocínio:

As modalidades ou semioses que podem comparecer na composição de um texto em um gênero dependem, de certa maneira, das mídias em que esse texto foi produzido e circula. Na mídia impressa, só se pode dispor de imagem estática (fotos e ilustrações) e de escrita. Já na mídia digital, todas as modalidades e semioses – língua oral e escrita (verbal), linguagem corporal (gestualidade, danças, *performances*, vestimentas), áudio (música e outros sons não verbais) e imagens estáticas e em movimento – podem entrar na composição e frequentemente encontram-se hiperlinkadas, ou seja, em hipermídia. (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 112)

Cumprido, portanto, analisar as novas funções adquiridas pela poesia em meio ao contexto de hipermodernidade em que vivemos. Para tanto, é necessário compreender as mudanças trazidas pela hipermodernidade em contraposição à pós-modernidade.

O incremento da produção tecnológica nos últimos anos contribuiu para acirrar o quadro de consumo e complexidade das relações individuais e laborais e com isso culminar na criação de um cenário de hipermodernidade.

Enquanto a pós-modernidade se encarregou da missão de rompimento, a hipermodernidade se destina à radicalização. As missões de ambas as fases em muito se relacionam com o contexto em que se inserem. Fato é que a pós-modernidade perdurou num período de intensa atuação de partidos políticos, sindicatos e associações. Havia predomínio, portanto, da atuação de entidades classistas. Na hipermodernidade, até mesmo as formas de se manifestar se tornaram mais flexíveis. As críticas e divulgações acerca de mobilizações são propagadas frequentemente através da internet, por meio dos chamados “hipertextos”. Há uma pluralidade de membros dentro do mesmo grupo. Os grupos que defendem determinada ideologia possuem caráter menos fechado, aderindo a novas ideias e incluindo indivíduos com diferentes perspectivas.

O pluralismo presente nas distintas formas de mobilização reflete nas produções poéticas, na medida em que a ideia de reinvenção e reinterpretação de valores presentes na produção de um gênero textual também existe nas maneiras de se mobilizar. As manifestações a todo tempo procuram redefinir seus objetivos e incrementar as possibilidades de se organizarem. A lógica presente, portanto, na organização das manifestações em muito se assemelha à formulação existente nas elaborações poéticas.

Diante da necessidade de criação de mecanismos alternativos de representações, a poesia também adquire seu papel revolucionário, de discussão do papel das instituições na sociedade e análise crítica de rupturas e permanências. A pós-modernidade era caracterizada por instrumentos de mobilização classistas, tais como a atuação de partidos políticos, sindicatos e associações. A hipermodernidade se concentra em mecanismos mais flexíveis e adequados ao cenário de revolução tecnológica na qual se insere. Ela busca questionar não só aspectos políticos e sociais, mas também o que podemos denominar de vícios trazidos pela globalização, tais como o consumismo e o individualismo exacerbado.

Fato é que as manifestações da contemporaneidade adquirem seu caráter pluralista. Numa mesma mobilização que em princípio teria viés político, as pessoas apresentam suas demandas e críticas sociais. Assim também pode ser o poema: um meio de contestação para distintas e variadas áreas.

Num contexto no qual o consumismo transmite a falsa sensação de satisfação e nos impõe metas a cumprir, a poesia surge como importante meio de atingir a almejada qualidade de vida. O consumismo se destina tão somente a preencher desejos materiais, ao passo que a poesia adquire sua conotação existencial, na busca pelo convívio equilibrado. A poesia abre caminhos para a solução de questões individuais, cada vez mais complexas no cenário de hipermodernidade. A mera satisfação de desejos materiais não é suficiente a ponto de esclarecer os dilemas internos, presentes na vida de cada um. Assim, a poesia surge como uma válvula de escape do consumismo exacerbado e meio alternativo de equilíbrio das emoções pessoais.

A poesia emerge, portanto, como forma de contestação ao mero acompanhamento de narrativas espalhadas por meio eletrônico. O texto poético é o caminho para o restabelecimento da reflexão em mídia eletrônica. Assim, gêneros poéticos podem ser também um meio para se alcançar a qualidade de vida, na medida em que assumem papel significativo na reflexão. A poesia assume, assim, seu papel em meio à era do hedonismo individual, na medida em que é um recurso que congrega as impressões mais íntimas do autor à coletividade. Os interesses, portanto, colidem entre si. O conhecimento acerca dos dilemas é o primeiro caminho para a solução de problemas individuais. O primeiro passo para a saída de inúmeras frustrações presentes no interior do indivíduo é o seu reconhecimento e a busca por uma tentativa de solucioná-las. A poesia surge, portanto, como mecanismo de conhecimento individual e coletivo, permitindo que compreendamos melhor os nossos pensamentos e visualizarmos que eles também existem em outras pessoas e se manifestam de distintas formas.

Os sentimentos, pois, inspiram reações diferenciadas, de acordo com cada indivíduo. Por exemplo, o ciúme, que pode ensejar raiva ou tristeza. Com base em distintas sensações,

escrevemos diferentes poemas. Os sentimentos definem, assim, diferentes formas de se fazer poesia, tornando-as plurais e complexas, reafirmando, portanto, o cenário de expressão das individualidades e complexidades em que vemos ressaltadas em:

O culto e a contínua busca pelo prazer (imediate), a extrema fluidez dos pertencimentos atuais, a ausência de projetos coletivos em função das dúvidas em relação ao futuro redirecionam o projeto de autonomia da modernidade, que passa a primar pela autocentrção e pela não responsabilização pelo outro. Ampliando o olhar para o contexto em que se tramam essas identidades contemporâneas – sustentadas por novas (e frágeis) formas de identificações -, pode-se notar como as TDICs, da maneira como foram arquitetadas, configuradas e disseminadas, potencializam esses processos. A Web 2.0 muda o fluxo de comunicação e, em tese, acaba com a cisão de produtores/leitores, possibilitando que todos publiquem na rede e exerçam simultaneamente os dois papéis, originando o que Rojo (2013) denomina *lautor*. (ROJO, 2015, p. 119)

A poesia se revela, portanto, como meio de conexão entre diferentes identidades e graças à era tecnológica, é possível que uma grande variedade de pessoas tenha acesso às impressões expostas no poema. Esse gênero textual, portanto, tem seu papel na cultura de convergência, na medida em que intensifica o fluxo de pensamentos e a reflexão. Vive-se um período de intensa turbulência na sociedade. As pessoas são cada vez mais afetadas por implicações psicológicas, o que demanda meios alternativos e saudáveis de se atingir o equilíbrio pessoal. O poema pode ser um mecanismo poderoso em meio a esse cenário, uma vez que o eu lírico vê nos versos uma janela para exposição de seus pensamentos e preocupações diárias.

A poesia é também mecanismo adotado na cultura participativa, uma vez que representa uma nova forma de criação e circulação de novos conteúdos. As temáticas se encontram não só à esfera individual do autor, mas também no impacto social das expressões individuais. Nesse sentido, é imperioso ressaltar novamente o cunho social da poesia. No cenário de complexidade em que vivemos, as frustrações pessoais devem ser analisadas como um problema social. Isso evita que os pensamentos egoístas sejam acirrados.

A poesia funciona, assim, como um mecanismo natural de busca do bem-estar e de harmonia na sociedade, na medida em que serve como uma espécie de desabafo das inquietações mais profundas. A liberdade formal que caracteriza a poesia após o modernismo permite inclusive que a autoria não seja revelada, como forma de respeito à privacidade do autor.

No que se refere à privacidade, vive-se um período em que, a todo momento, as pessoas buscam mitigá-la. Vivemos num momento em que é possível questionar qual é o limite de

exposição da vida íntima na rede social, ou melhor dizendo: será que existe um limite de exposição dos detalhes individuais na era da informação?

Fato é que com a era tecnológica, a ideia de omissão do eu lírico se enfraqueceu diante da mitigação da privacidade. É cada vez mais difícil delimitar os limites entre o público e o privado. Isso se reflete também na poesia, que pode conter, ao mesmo tempo, abordagens envolvendo tanto interesses públicos como privados ou até mesmo ser um mecanismo de exposição ou ocultação desses interesses.

A era digital tem servido de estímulo para as pessoas se posicionarem. Somos bombardeados de postagens com conteúdo crítico nas redes sociais e, com isso, sentimos vontade de também apresentarmos nossa opinião. Inclusive a apresentação da opinião pode vir na forma de poesia, uma vez que:

A superficialidade se estabelece como corolário: curtir/comentar nas redes sociais, sem refletir sobre o que se lê, apenas para não perder a oportunidade de se posicionar, na verdade, de aparecer ou de se satisfazer (o reino da opinião pessoal no lugar de uma posição ou projeto político mais consistente). (ROJO, 2015, p. 121)

As expressões, por sua vez, cada vez mais buscam se adequar ao cenário de consumismo da hipermodernidade. Frequentemente, visualizamos pessoas divulgando expressões com o intuito de gerar repercussão social. Precisamos analisar, portanto, o real intuito do autor: ele se posiciona porque de fato pensa assim ou porque procura, tão somente, atrair popularidade?

Encontra-se aqui o risco que o cenário de consumo exacerbado nos impõe: viver em meio a ele é estar cercado de aparências. Importante, portanto, é reafirmar que o poema deve partir de sensações reais e se comprometer com a harmonia social dos autores e de seu público alvo. Assim, ele deve estar preenchido por críticas realistas e não por aparências. Até que ponto nos identificamos com o que algum autor escreve? Compartilhamos alguma produção de um autor porque nos identificamos com o que escreveu ou porque queremos aumentar o nosso número de seguidores? Aquela leitura de fato me faz bem ou procuro postá-la nas redes sociais tão somente para gerar repercussão perante a coletividade? Estamos refletindo ou apenas absorvendo e repassando?

A quantidade de informações divulgadas no momento tecnológico em que vivemos incrementa as possíveis temáticas a serem adotadas pelo poema. As informações também servem de substrato para a criação de novas palavras ou até mesmo empréstimo de termos estrangeiros para nos expressarmos. Descubrem-se, assim, novas formas de expressão. Nesse cenário complexo de invenção de novas formas de escrita e linguagem, o indivíduo se depara com maior flexibilidade e diversidade para expressar suas opiniões.

A poesia nada mais é do que o reflexo do cenário complexo em que se insere. O que é a poesia na hipermodernidade se não essa miscelânea de sensações, discursos e informações? Que é a poesia na hipermodernidade se não uma nova forma de linguagem e de interação social entre aqueles que a escrevem e aqueles para os quais ela se dirige? A poesia é, portanto, o mecanismo de diálogo em meio ao cenário de complexidade no qual vivemos.

O estímulo ao diálogo deve ser compromisso a ser assumido pela educação. Assim, a poesia consiste numa ferramenta poderosa a ser aprofundada pelos educadores e inserida no cotidiano de seus alunos, no intuito de incentivá-los à reflexão crítica e à interpretação dos fatos que acontecem em seu dia a dia.

O contexto social complexo no qual nos inserimos estimula a reflexão também sobre a metodologia de ensino. Ela deve estar voltada à interdisciplinaridade, de modo a preparar os alunos a lidarem com o cenário de hiperconexão que a contemporaneidade nos trouxe. A poesia, assim, se destaca como um mecanismo de apresentação e compreensão da interação social, na medida em que nos traz novos meios de linguagem e multiculturalismo através de sua diversidade temática consagrada após o período modernista. Bunzen (2013, p. 20) destaca que vivemos em ambientes de aprendizagem cada vez mais permeados pelos avanços tecnológicos. Além disso, como o uso da linguagem é sempre um ato retórico, observar a relação entre a retórica e a tecnologia é fundamental.

Em meio ao cenário de complexidade no qual nos inserimos, o objeto social da poesia se fragmenta em distintos ramos, entre eles, a neuropsicologia. Como já foi mencionado, a poesia é válvula de escape para as turbulências rotineiras e assim se destina a estimular o desenvolvimento neuropsicológico tanto do leitor, como do eu lírico. A multimodalidade e o uso dos recursos semióticos são ferramentas cuja presença se faz importante na poesia hipermoderna, na medida em que evitam o distanciamento do leitor e do poeta da realidade social. Na mesma linha de raciocínio, a introdução da poesia pelo educador se coloca como forma de preparar o aluno a lidar com o dinamismo social e suas inquietações pessoais. O uso da poesia, portanto, é um mecanismo de aprendizado que busca compreender e refletir a complexidade contemporânea. Nesse sentido:

Sabemos que o ser humano é um sistema dinâmico de elevada complexidade e todas as práticas e intervenções a ele relacionadas compartilham de níveis de complexidade semelhantes. Assim, o professor, ao abordar os recursos multimodais na construção de gêneros textuais deve levar em conta, além das questões pedagógicas tradicionais, os fatores ligados ao funcionamento neuropsicológico do aprendiz, aos processos cognitivos subjacentes envolvidos naquela circunstância de aprendizagem. (BUZEN; MENDONÇA, 2013, p. 20)

Na sua conotação de multimodalidade, a poesia se revela como um artefato cultural, na medida em que reúne as mais variadas temáticas e ferramentas de linguagem. A linguagem a ser adotada na poesia não está dissociada de seu suporte, que, por sua vez, pode ser tecnológico. A tecnologia consegue incrementar o caráter interdisciplinar dos gêneros textuais, na medida em que dissemina grande quantidade de informações em curto espaço de tempo e atinge os lugares mais longínquos. O contato visual com a poesia, por sua vez, pode estimular o reconhecimento por parte do leitor da situação retratada pelo poeta. A poesia, então, é capaz de desencadear inúmeras reações no leitor, entre elas, a busca pela quebra ou questionamento de padrões, que, por sua vez, é o primeiro passo no intuito de atingir o equilíbrio social.

A abordagem da neuropsicologia pela poesia se faz, assim, num primeiro momento através do reconhecimento. Ao ler e interpretar a poesia, o leitor reage de distintas maneiras, uma delas, é se reconhecendo ou não ao que está escrito. A plataforma tecnológica é capaz de facilitar ainda mais o contato entre gêneros que façam o leitor se reconhecer. Podemos ver, por exemplo, o papel das redes sociais. Elas estão, a todo momento, intrínsecas ao cotidiano do público e têm ferramentas aptas a atrair o usuário a atividades e ícones de seu interesse. Confirmamos, por exemplo, o algoritmo do *facebook*. A plataforma tecnológica facilita, portanto, o acesso e a identificação do internauta aos gêneros de seu interesse.

As plataformas tecnológicas incrementam a utilização de recursos semióticos. As postagens conjugam imagens, enunciados e também mecanismos sonoros (presentes em vídeos e postagens em *blogs*, por exemplo). A união dos elementos, ao mesmo tempo, induz e representa a criatividade humana e estimula a compreensão e a interpretação dos usuários. Os referidos efeitos interferem na capacidade de aprendizagem e também são alvo de análise da neuropsicologia. O estudo da mencionada ciência, portanto, é responsável pela melhoria dos resultados no campo do aprendizado e pode ser desenvolvido diante da interferência dos novos meios tecnológicos no cotidiano dos alunos. Nesse sentido, entendemos que:

O entrosamento dos modos de construção de sentido através dos recursos semióticos pode favorecer o sucesso na construção do texto matemático. No entanto, em relação à aprendizagem, a materialidade do texto é apenas a primeira etapa do processo de aprendizagem. Cabe aos professores, em suas áreas específicas, saber como esse conjunto de estímulos poderá ser processado, em suas áreas específicas, saber como esse conjunto de estímulos poderá ser processado, se ele pode propiciar uma aprendizagem mais eficiente, pois, como sabemos, de acordo com a configuração do funcionamento neuropsicológico do aluno, haverá capacidades de aprendizagem diferenciadas. Enfim, as articulações entre os modos semióticos têm mudado tanto em relação à sua função, pois são considerados veículos de informação, deixando a imagem de ser apenas ilustração da escrita. As práticas de letramento não se restringem mais ao sistema linguístico, visto que o letramento é um processo social que permeia nossas rotinas diárias numa

sociedade extremamente semiotizada. (BUNZEN; MENDONÇA, 2013, p. 33)

A internet permite a aplicação prática da referida teoria, na medida em que as redes sociais permitem a todo tempo a mistura de distintos recursos semióticos. A publicação de um poema, portanto, vem aliada a imagens, vídeos e sons que, atraem a atenção do destinatário, estimulando sua reflexão. Isso permite também que outros canais de recepção da informação sejam testados, de tal modo que um deles não fique sobrecarregado. A postagem na internet de um poema, associada aos referidos recursos semióticos, serve, portanto, para ampliar a capacidade de compreensão, integração e também testar os receptores de informação.

Na mesma linha de raciocínio, o poema possui uma vantagem de vir em versos e em estrofes, cuja leitura é rápida. Tal característica é favorável na medida em que o leitor pode destinar maior atenção a todos os detalhes presentes na obra. Imaginemos uma situação cotidiana, na qual um texto aparece no *feed* de notícias de alguém. A pessoa, numa ocasião corriqueira dificilmente terá tempo de se ater a todos os detalhes presentes no texto. A depender do caso, nem mesmo conseguirá lê-lo em sua integralidade. Com o poema, a hipótese é diferente, haja vista que, por ser curto, o usuário no geral consegue ler todas as estrofes e, assim, organizar suas interpretações.

Bunzen e Mendonça (2013) se valem do conceito de “guia cognitivo” numa visão ampliada para designar todos aqueles que se propõem à tarefa de construir um texto que se destine a promover a construção de conhecimento. Por essa visão, o poeta também exerceria a função de “guia cognitivo”, sobretudo, ao se levar em conta o poema hipermoderno, caracterizado pelo rompimento de padrões formais e estilísticos, no qual todos os recursos semióticos podem ser utilizados na sua composição. A introdução da poesia pelo profissional da educação pode ser, assim, uma nova janela ao aprendizado, ao raciocínio e à organização de ideias presentes nos alunos:

Na realidade, além de “ensinar conteúdos diversos”, a escola está, em seu *modus operandi*, promovendo desenvolvimento neuropsicológico, participando e/ou contribuindo para o desenvolvimento das funções cognitivas de seus alunos. Uma escola, ainda que não se aperceba a essa tarefa, promove “desenvolvimento neuropsicológico” referindo-se, principalmente, à aquisição de formas de raciocínio e de funcionamento cognitivo mais sofisticados, à promoção de situações favoráveis que possibilitem aprender a codificar, relacionar e organizar as informações, aprender a pensar, transferir e generalizar conhecimentos, aprender a estudar, a verbalizar seus raciocínios e a responder, de maneira eficaz, à demanda escolar e social. (BUNZEN; MENDONÇA, 2013, p. 38, grifo do autor)

Assim, podemos dizer que a ampliação do aprendizado na hipermodernidade se dá através da união da atuação de dois guias cognitivos: o poeta e o professor. O primeiro, através de sua liberdade estilística e formal é responsável pela exposição de sensações subjetivas que não estão alheias ao contexto social em que vivemos. O segundo se encarrega de apresentar os possíveis caminhos da interpretação e organização de ideias que serão escolhidos pelo aluno através das habilidades e interesses presentes em cada um.

O contato com a poesia estimula a melhoria da compreensão acerca dos mais diversos significados e sistemas de linguagens. Fato é que por mais simples que o poema seja, ele conterà uma figura de linguagem ou jogo semântico de palavras. A poesia, a leitura e sua compreensão por distintas pessoas nos leva ao compartilhamento de ideias e significados, o que apenas ressalta o papel da poesia na missão da aprendizagem. A educação formal:

[...] é, portanto, essencial no processo de captação de significados, ou seja, de reconstrução de sentidos. Em uma situação de ensino, o professor atua de maneira intencional para mudar significados da experiência do aluno, utilizando estratégias, metodologias e materiais educativos do currículo. Se o aluno manifesta uma disposição para aprender, ele, também, atua intencionalmente para compreender o significado dos materiais educativos. (BUNZEN; MENDONÇA, 2013, p. 45)

Diante da riqueza de nossa língua, as pessoas devem procurar as formas de comunicação que sejam mais adequadas aos seus interesses pessoais. Não raro, uma pessoa que não consiga se comunicar diretamente a outra, se expressa bem através de uma poesia. A exposição de suas ideias, por sua vez, pode ser responsável pela atração de outras pessoas. A poesia, assim, revela sua função socializadora. A internet consagra, inclusive, a possibilidade de anonimato. Imaginemos, por exemplo, que com o poema escrito, o autor possa ser reconhecido através de sua letra, fato que é impossível na internet. A essa função socializadora, atentamos que;

[...] campos cognitivos diversos, como o biológico (a linguagem tem sua predisposição biológica), o perceptual (as diversas capacidades sensoriais) e o conhecimento de práticas sociais (a linguagem relaciona-se com os aspectos históricos e sociais). Aqui estamos tomando o termo *linguagem* como um sistema semiótico cujas formas de representação se constituem em modos semióticos. Ao destacar os estudos do sistema linguístico, não devemos perder esse enfoque funcional, que prioriza o domínio cognitivo que envolve os usos culturais, históricos, ideológicos dos signos. (BUNZEN; MENDONÇA, 2013, p. 47, grifo do autor)

A aprendizagem diante da leitura e interpretação dos gêneros textuais se dá de diferentes formas, de acordo com as funções neuropsicológicas de cada um. Os autores Bunzen e Mendonça (2013) destacam quatro funções neuropsicológicas mais relevantes para a configuração do processo de aprendizagem: atenção, linguagem, memória e funções executivas.

É possível afirmar que a leitura e compreensão da poesia é responsável pelo teste das quatro funções.

O poema é, pois, um convite ao despertar de nossa atenção. A começar pela sua liberdade formal e estilística, em muito estimulada com a era tecnológica. Imaginemos a postagem de uma imagem, cuja descrição contenha um poema. Em princípio, fomos atraídos pela imagem, mas, dependendo de nossos interesses, o que mais nos interesse na postagem pode passar a ser o poema, caso seu conteúdo nos atraia. A atenção, por sua vez, atrai o exercício das demais funções neuropsicológicas, através da atenção, processos de informações presentes em nosso intelecto. Ao ler aquele poema, do que me recordo? O que me atraiu a atenção àquele poema? Sua linguagem ou os demais recursos semióticos aliados a ele? Quais habilidades exercito na leitura ou na criação de um poema? As funções neuropsicológicas, pois, se comunicam e se atraem através da leitura ou da produção de poemas. É possível dizer que a leitura e a criação de poemas servem de estímulo à memória operacional, na medida em que permitem a integração entre distintas informações, temáticas e recursos linguísticos. Sobre isso:

A relevância da memória operacional não se limita ao armazenamento temporário das informações, mas se refere à integração e manipulação das informações relevantes e mantidas na mente temporariamente para a resolução de um problema ou realização de determinada tarefa ou, ainda, uma ação imediata. Outro tipo de memória existente quanto à função é a memória imediata, que tem a duração de alguns minutos e é considerada, por muitos autores da área, como um termo sinônimo da memória operacional. A memória operacional, da mesma forma que outros sistemas de memória, também se modifica ao longo do desenvolvimento de um indivíduo, numa relação de interdependência permanente com o meio ambiente. Trata-se de uma função neuropsicológica, necessitando de estimulação adequada para o estabelecimento de um melhor desempenho. (BUNZEN; MENDONÇA, 2013, p. 53)

No ramo da linguagem, os poemas são, a todo o momento, formas de reinvenção de termos linguísticos e estruturas formais. Os poemas são compostos por jogos semânticos de palavras e figuras de linguagem, o que estimulam ainda mais a capacidade cognitiva. Sua criação é um exercício à criatividade, enquanto a sua interpretação é um estímulo ao raciocínio. A liberdade temática permite o uso da intertextualidade que, por sua vez, é um desafio para o leitor a reconhecer a referência presente no conteúdo do poema. O uso da referida ferramenta, por sua vez, exercita a memória do leitor. Visualizamos, mais uma vez, que o poema é uma ferramenta que permite com exatidão o exercício conjunto e simultâneo das mais variadas funções neuropsicológicas. O ato de criação ou leitura e interpretação do poema é, pois, uma forma de exercício das funções neuropsicológicas e aprendizado. Assim, para Bunzen e Mendonça (2013, p. 66);

Aprender significa extrair informações de um texto ou de uma situação, ampliar o conhecimento, adquirir formas mais eficientes de pensar ou uma estrutura cognitiva mais diferenciada, modificar comportamentos, estabelecer mais conexões sinápticas e redes neurais, criar mais e mais rotas de aprendizado, utilizar formas de raciocínio mais abstratas e/ou elaboradas, significando, portanto, alcançar e estabelecer um nível de funcionamento neuropsicológico cada vez mais sofisticado. Mas esse processo não é solitário, é fruto das contínuas e intermináveis trocas com o meio ambiente, sendo realizado a cada instante, a cada dia, a cada situação vivenciada.

A poesia, através de seu cunho social, permite o retrato da realidade em que nos inserimos, viabilizando, assim, o contato do leitor e do eu lírico com o ambiente, se constituindo como verdadeira forma de aprendizado, na medida em que estimula o raciocínio e o olhar crítico diante dos fatos cotidianos.

Na contemporaneidade, se estudam novos projetos escolares, com o intuito de modernizar o ensino e preparar melhor os alunos à realidade complexa na qual vivemos. Muitas metodologias apostam nas inovações trazidas pela era digital, mas não devemos nos esquecer da importância de manter os estudantes em contato com todos os gêneros que permeiam nosso cotidiano. Nesse sentido, entendemos que:

Quando os alunos estão envolvidos em projetos de letramento que lhes interessam, eles objetivam agir sobre o mundo por meio de atividades de linguagem, utilizando a fala, a leitura e a escrita para alcançar seus propósitos, seguir suas escolhas e definir suas estratégias de ação, apreendendo, o tempo todo, os aspectos macrossociais, por um lado, e textuais, por outro, envolvidos na produção oral e escrita em função do que se quer atingir. Esse esforço de inserção de estudantes e professores como agentes sociais que trabalham em cooperação no espaço escolar e fora dele é realizado fomentando a pluralidade cultural, pois necessariamente o conhecimento está sendo vinculado à experiência humana, em consequência da inclusão de temas de cultura local, do compartilhamento de saberes e fazeres, da interdisciplinaridade e transversalidade dos assuntos trazidos à tona por professores, alunos e membros da comunidade quando vistos como sujeitos de conhecimento possuidores de uma história. (BUNZEN, 2013, p. 81)

Em meio ao mundo turbulento em que vivemos, a poesia se põe, assim, como janela a conhecer e interpretar o mundo. Portanto, um projeto de letramento adequado à contemporaneidade, deve apresentá-la aos alunos a fim de estimulá-los ao interesse pela análise da realidade à nossa volta. Utilizemos a tecnologia, pois, para incrementar o interesse pela descoberta do prazer que é a leitura e não como ferramenta para nos mantermos distantes da realidade.

As inovações trazidas pela era tecnológica pressupõem também uma revisão da nossa maneira de formulação e interpretação dos gêneros textuais, bem como nos projetos de

letramento. As novas tecnologias aproximaram os recursos semióticos, contribuindo para ampliar e pluralizar o fenômeno da interpretação.

Na sociedade contemporânea, a prática de letramento da escrita, do signo verbal, deve ser incorporada à prática de letramento da imagem, do signo visual. Precisamos, então, falar em letramentos, no plural mesmo, pois a multimodalidade é um traço constitutivo do discurso oral e escrito. Faz-se necessário ressaltar, também, a diversidade de arranjos não padrão que a escrita vem apresentando na mídia em função do desenvolvimento tecnológico. Em consequência, os nossos habituais modos de ler um texto estão sendo constantemente reelaborados. Não se salienta aqui a supremacia da imagem ou da palavra na organização do texto, mas sim a harmonia (ou não) visual estabelecida entre ambos. (KARWOSKI, 2011, p. 139)

Imaginemos, pois, o desafio que seria conciliar o apego a formalismos com a linguagem que utilizamos cotidianamente na internet. Portanto, precisamos nos valer de gêneros textuais que possuam liberdade formal a fim de atender à demanda de reelaboração textual que a era tecnológica nos propõe. O poema se apresenta, assim, como instrumento capaz de atingir essa finalidade.

A modernidade e seus desdobramentos posteriores flexibilizaram os rígidos padrões a que o poema se submetia, tornando-o num poderoso recurso a fim de atender as demandas sociais em consonância com as plataformas tecnológicas. Não raro vemos poemas divulgados na internet na forma de publicidade. A poesia se tornou, assim, janela de expressão de publicitários na função de chamar atenção da coletividade e atrair o público-alvo ao anúncio a que se propõe.

Notamos que as propagandas que mais se destacam são aquelas compostas por rimas ou mensagens com jogos de palavras e sentidos, recursos que ganharam enfoque justamente após sua utilização em poemas. Portanto, ainda que a publicidade não seja propriamente um poema, ela ainda assim se aproxima de sua estrutura ou se vale de seus recursos para atingir a persuasão do público-alvo.

Campanhas publicitárias são, assim, uma das faces que a hipermodernidade trouxe à poesia, o que apenas ressalta o seu cunho social. O que é a campanha publicitária se não uma forma de dialogar com o público-alvo? Frequentemente, a publicidade se destina a despertar o olhar crítico ou a consciência daquele a que se dirige. As campanhas publicitárias são bom exemplo no intuito de demonstrar que a poesia é multimodal, na medida em que combina palavras, imagens, gráficos e outros recursos semióticos com a finalidade de cumprir seus objetivos.

Os meios de comunicação, sendo a internet o principal deles na contemporaneidade, são responsáveis pela combinação dos mais variados recursos semióticos. A exposição dos poemas

via internet nos mostra, pois, o papel fundamental que as mesmas possuem na contemporaneidade: o teste das funções neuropsicológicas de seus destinatários. O leitor, ao entrar em contato com a poesia, exercitará as possíveis interpretações que virão a sua mente, que por sua vez, se contrapõem ou complementam as impressões que outros leitores tiveram ao lê-la.

Os meios de comunicação de massa escritos e a literatura são dois espaços sociais de grande produtividade para a experimentação de arranjos visuais. Importante mencionar que ao conceber os gêneros textuais como multimodais, não estou atrelando os aspectos visuais meramente a fotografias, telas de pinturas, desenhos, caricaturas, por exemplo, mas também à própria disposição gráfica do texto no papel ou na tela de computador. (KARWOSKI, 2011, p. 141)

As redes sociais permitem, ainda, a criação de grupos, o que intensifica o compartilhamento de impressões e criações. Leitores e autores do mundo inteiro estão conectados, de modo a propiciar o choque de culturas e impressões. Os grupos, dessa maneira, podem estimular a experimentação de arranjos visuais através da divulgação de poemas de seus membros ou, até mesmo, de pessoas alheias ao grupo que tiveram suas composições compartilhadas.

A liberdade formal e estilística trazida pelo Modernismo e suas fases posteriores permitiram que a poesia pudesse manipular os mais variados recursos semióticos. O potencial de interconexão viabilizado pela internet contribui para ampliar a manipulação de recursos pela poesia, bem como a sua divulgação e compartilhamento. Pessoas de distintos locais, inclusive aquelas que estejam distantes de livrarias ou que não possuam acessibilidade aos textos poéticos, poderão mergulhar nas aventuras que a poesia salta aos nossos olhos, entre elas as críticas e interpretações às quais se propõem.

A variedade de recursos tecnológicos a serviço da comunicação humana, na sociedade atual, permite não só a criação de uma infinidade de manipulações gráficas em computadores, mas também a rápida propagação da informação, e conseqüentemente de novas formas de apresentação da escrita. (KARWOSKI, 2011, p. 146)

No que se refere ao jornalismo, fato é que diversas obras, poéticas ou em prosa, podem ter sua base em fatos do cotidiano. Confira-se, a título de exemplo concreto, a obra “Os sertões” de Euclides da Cunha. Trata-se de uma obra impactante, fruto do trabalho da observação e análise crítica de um jornalista que, inclusive, serviu de base para ampliar as análises acerca do Sertão. A obra foi capaz de materializar o que viria a ser característica marcante do modernismo e das suas fases posteriores.

Fato é que até mesmo a prosa modernista trouxe a temática do abandono das regiões afetadas pela seca e carência de recursos. Veja-se, a título de exemplo, a obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos. Surgiram também poesias que abordaram o mesmo tema, ressaltando o seu cunho social e potencial de estimular a crítica social.

O jornalismo poder ser, assim, fonte de inspiração para que novas poesias sejam formuladas, levando em conta o contexto digital em que vivemos. As poesias possuem potencial de realizar críticas à alienação passível de ser produzida com o uso abusivo das tecnologias, por exemplo. Elas podem servir desse modo, como janelas ao diálogo e manutenção da conexão e interação social entre os indivíduos.

Um novo projeto de letramento pode levar em consideração, portanto, a união de recursos jornalísticos a fim de embasarem novas temáticas e inovações no campo da linguagem e da manipulação de recursos semióticos.

Várias críticas feitas em meio às redes sociais têm como base o conteúdo jornalístico divulgado. Os jornalistas frequentemente utilizam expressões impactantes, algumas até mesmo vistas como inadequadas pelos destinatários. A poesia pode emergir, dessa maneira, como questionamento à utilização indevida dos recursos semióticos. A título de exemplo, não raro vemos uma imagem correlacionada a uma reportagem que diz respeito à ocorrência de outro fato, em outra cidade. Há divulgação de notícias cujas fontes são duvidosas.

Os meios jornalísticos, em algumas situações não concedem voz ou participação às “minorias”. A poesia pode se apresentar, portanto, como a janela de comunicação dos grupos minoritários. Historicamente, visualizamos que há um quadro de exclusão a pessoas negras, indígenas e mulheres, por exemplo. A poesia surge, assim, como manifestação dessa parcela da população, como forma de dar voz às suas aspirações.

Unidos à internet, eles podem atingir outras pessoas que também pleiteiam maior participação dos debates e assim mobilizá-los. A poesia se apresenta, desse modo, como um importante meio de manifestação e mobilização de pessoas que desejam maior participação e inclusão.

Em outra linha de raciocínio, como já foi dito, a poesia é um gênero multimodal que no mundo contemporâneo se relaciona intrinsecamente com a era digital. Logo, um projeto de letramento adequado à contemporaneidade pressupõe uma aproximação entre os gêneros textuais e a tecnologia. Não raro, vemos instituições trazendo para as salas de aula atividades com textos disponibilizados em plataforma digital. O uso de *tablets* e lousas eletrônicas faz parte do cotidiano escolar no mundo contemporâneo. Os professores podem consagrar, dessa maneira, essa nova proposta de combinação de recursos semióticos, através da apresentação de

textos associados a imagens, músicas e vídeos, por exemplo. O contato com essas novas modalidades, por sua vez, pressupõe uma experimentação dos sentidos pelo aluno. Ao analisar o conteúdo veiculado por meio digital, os alunos experimentam a audição e visão, por exemplo. Assim, a utilização da tecnologia digital deve ser usada para promover ações que despertem a participação ativa do aluno. É preciso buscar uma relação representativa com o momento em que estamos vivendo e dar o devido significado à tecnologia, ou seja, inserindo-a como ferramenta de trabalho e não como elemento único dotado de significação intrínseca. Dessa maneira, Karwoski (2011) destaca que é muito frequente o desejo do professor em incluir nas atividades de sala de aula a leitura de diferentes gêneros textuais e o uso das tecnologias.

Lemke (2000 *apud* KARWOSKI, 2011, p. 141) lembra que os multiletramentos, assim como os gêneros multimodais devem ser vistos na escola, entretanto, os alunos devem ser informados de suas propriedades, das vantagens que oferecem e das limitações que possuem. O mesmo autor também lembra que as tecnologias não são tão simples quanto os recursos tradicionais como lápis e papel. Há várias linguagens envolvidas em um texto multimodal, como imagens, som e texto verbal. Desse modo, o professor, ao fazer uso dos vários recursos oferecidos pela tecnologia, deve estar consciente de que um texto com todos esses materiais torna a atividade proposta muito mais complexa, que exigirá mais esforço daquele que busca sentido naquilo que lê.

A simultaneidade na apresentação de palavras e imagens contribui para melhor aprendizagem por parte do aluno. Os meios digitais, por sua vez, emergem como melhores ferramentas desse processo na contemporaneidade, no sentido de permitirem a associação dos mais variados recursos semióticos nas apresentações. Através do uso da lousa eletrônica, por exemplo, o professor pode se utilizar um vídeo que contenha imagens, palavras e sons ao mesmo tempo, atraindo, por sua vez, a atenção do aluno para interpretá-los.

As mídias eletrônicas podem emergir, assim, como intensificadores do cunho social da poesia na medida em que figuram como agentes no processo de aprendizagem e de socialização. Ora, as apresentações feitas em mídias eletrônicas pressupõem a realização de debates nas salas de aula e isso, por sua vez, permite a troca de ideias. O fenômeno da socialização é crucial a fim de introduzir o indivíduo no convívio social. A socialização nada mais é do que a apresentação do indivíduo às ideias e orientações de comportamento na sociedade.

De fato, há comportamentos que nos são impostos desde crianças. Podemos pensar nas posturas que devemos adotar enquanto estamos à mesa. A socialização reflete, portanto, a face cultural da sociedade. Em exemplos mais complexos, por exemplo, a existência de leis que vendem comportamentos agressivos, por exemplo, a tipificação do crime de lesão corporal

impede condutas que visem à justiça privada de forma violenta. O famoso “fazer justiça com as próprias mãos” é vedado, pois seria caótico viver em uma sociedade na qual se busca vingança a todo tempo. Prova disso encontra-se no próprio contexto histórico da humanidade. Na Grécia Clássica, por exemplo, a história era de tragédias, com constantes conflitos e pessoas que eram violentadas ou mortas caso tivessem comportamento contrário ao padrão de normalidade aceito pela sociedade.

Na contemporaneidade, a internet, através da pluralização de ideias consagradas, inclusive nos gêneros textuais, contribuiu para romper essa ideia de que as pessoas devem seguir determinados padrões. As divulgações escritas contribuíram em muito para reduzir as discriminações contra diferentes modos de agir. Os gêneros textuais podem ter, assim, papel fundamental na redução dos preconceitos. Agora, imaginemos a importância disso numa sala de aula. Imaginemos o poder de transformação da apresentação a ideias que visem a combater o *bullying*, a título de exemplo. Os gêneros textuais podem cumprir, assim, a sua função social no combate à violência e à discriminação, o que ressalta novamente o caráter de harmonia social que alguns gêneros textuais visam a atingir, entre eles, a poesia e a crônica.

A função social da poesia pode se unir, desse modo, a uma política de combate a intolerâncias. Como já dito acima, a poesia é a janela para a expressão das impressões mais profundas do eu lírico, entre elas, suas inquietações. Cada um pode, assim, expor suas angústias pessoais e, com isso, mobilizar aqueles que estão à sua volta. A poesia aqui manifesta seu caráter de inclusão social.

A poesia é, portanto, agente no movimento de transformação. A socialização é o primeiro passo para que o indivíduo entre em contato com as situações cotidianas em que será inserido. A socialização é realizada por distintas entidades, primordialmente, pela família e pela escola. Assim, cada instituição de ensino, no decorrer do tempo deve elaborar seu projeto de letramento à forma de socialização mais adequada aos seus alunos. Ela deve inseri-los às ideias e debates atinentes ao mundo em que vivemos, a fim de que nunca se mantenham alheios à realidade.

Esse processo de socialização na contemporaneidade está intrinsecamente relacionado à atuação das tecnologias. As redes sociais contribuem nesse fenômeno, mas por si sós não são suficientes a fim de testar todas as habilidades e funções neuropsicológicas dos indivíduos. Assim, nada impede que a internet seja utilizada como um elemento que apoie o processo de socialização. Mas é necessário o contato pessoal com indivíduos de diferentes idades e personalidades a fim de que o processo se desenvolva de melhor maneira. Os gêneros textuais facilitam, portanto, o diálogo entre as pessoas diferentes. Nas salas de aula há sempre alunos

que se voluntariam a ler os textos, outros se sentem mais atraídos para criá-los. Há também quem prefira questioná-los ou complementá-los. Tudo isso contribui para melhorar esse processo de socialização.

Percebemos que a leitura do nosso cotidiano está envolvida pelas diferentes relações que nos cercam, essas se estabelecem pelas múltiplas semioses e nos direcionam na compreensão de uma leitura multimodal e hipermoderna. No que consiste dizer, então, que estamos imersos em tecnologia e que precisamos dela para nossa leitura e interpretação crítica de mundo.

5.4 A educação na contemporaneidade

“Modernidade Líquida”, uma expressão cunhada por Zygmunt Bauman (2001) para descrever o cenário de fluidez em que vivemos. Cada vez mais temos certa dificuldade em dar respostas determinadas aos nossos próprios questionamentos. O que é isso se não um reflexo da modernidade líquida? Tudo é passageiro. Leis, governos, estilos, opiniões, gestos, relacionamentos... Todos se alternam e se reinventam a todo o momento. O quadro em que vivemos nos convida ao desafio de repensar também as formas de aprendizado, a fim de que nos preparemos para o desafio que a contemporaneidade nos traz, afinal de contas, é difícil lidar com tantas mudanças cotidianamente.

A globalização nos promove uma interconexão de ideias e posições, o que pluraliza cada vez mais nossas discussões. Assim, uma educação de qualidade deve estar pronta a propiciar o debate e respeito às distintas opiniões, que vem a surgir no cenário de modernidade fluida em que vivemos. As pessoas imiscuem diferentes lados de sua personalidade através da convivência, o que deixa as relações sociais cada vez mais complexas, demandando maior preparação para que os seres humanos saibam lidar com as diferenças.

Desse modo, a Educação assume para si o desafio de propiciar um debate mais plural e consentâneo com as diferenças. A escola é, acima de tudo, uma instituição responsável pelo processo de socialização. Esse fenômeno, portanto, no cenário da contemporaneidade se encarrega da apresentação às distintas opiniões e personalidades feitas cotidianamente. Conviver com as diferenças é sempre um desafio a quem vive em meio à coletividade. Contudo, a socialização é fundamental para que se viva em sociedade. É possível recorrer às lições de Aristóteles a fim de ressaltar que “o homem é um animal político” e, portanto, precisa viver em sociedade.

O desafio de viver em sociedade esteve presente durante toda história da humanidade. Porém, no século XXI, nos deparamos com a complexidade de associarmos esse desafio à atuação das tecnologias. As tecnologias, cada vez mais, afastam as pessoas do convívio social ou são utilizadas para impactar as relações sociais. A internet facilitou bastante a interação entre distintos locais e culturas, mas também apresenta sua face problemática. Observe-se, a título de exemplo, a prática de *cyberbullying*, fraudes e outros crimes cometidos via internet. A educação deve se voltar, portanto, a preparar as pessoas para usar a internet cautelosa e conscientemente.

O trabalho pedagógico se presta, assim, a propiciar as mais distintas manifestações de opiniões e culturas, de modo a preparar os alunos a viver em sociedade de maneira democrática. A globalização nos traz uma série de características, que se coadunam com a modernidade líquida, tais como a flexibilidade das relações sociais e trabalhistas, bem como a polivalência de tarefas a serem exercidas pelos trabalhadores. Essa última, por sua vez, se faz muito presente entre os profissionais da Educação, que por sua vez procuram cada vez mais incrementar suas habilidades com a finalidade de oferecer a melhor preparação possível para que seus alunos possam conviver com os desafios do mundo contemporâneo.

Na educação, o comportamento flexível é tanto demandado dos professores quando difundido, como habilidade a ser adquirida, aos estudantes, futuros trabalhadores. Estimula-se o professor, por diferentes meios, a adaptar-se a circunstâncias variáveis, a produzir em situações mutáveis, a substituir procedimentos costumeiros (às vezes repetitivos, às vezes bem-sucedidos) por “novas” e sempre “fecundas” formas de promover o trabalho docente. Deseja-se um professor disposto a correr riscos e a investir em sua atualização. Subjacente a todos esses princípios e comportamentos, que visam reinventar a escola. (MOREIRA; KRAMER, 2017, p. 1041, grifo do autor)

A polivalência de tarefas também é um reflexo desse cenário de fluidez em que vivemos. Sentimos que devemos estar preparados a lidar com os mais distintos desafios. Muitas vezes, ocorre uma análise fria da humanidade. O trabalho humano não deve ser mercantilizado ou equiparado ao de uma máquina. Cada vez mais, a pressão presente nas relações sociais se reflete nas relações de trabalho. O ser humano recebe cobrança constante e acumula frequentemente uma grande diversidade de tarefas, fato que pode contribuir para precarizar não só as relações de trabalho, mas também as relações sociais.

Engana-se quem pensa que o neoliberalismo se faz presente apenas na economia ou na política. Ele está imiscuído também nas instituições de Ensino, estimulando as escolas a ter preparação voltada para o mercado. Encontra-se, aqui, um grande risco, ao qual as instituições de ensino estão sujeitas: estarem aliadas apenas aos interesses econômicos do mercado e se

perderem na função primordial de inserir o aluno em sociedade, estimulá-lo a pensar e se posicionar no meio dela. Desta forma:

Algumas visões de educação de qualidade mostram-se restritas. Nesse caso, de sistemas e instituições educacionais; procedimentos integrados e flexíveis no trabalho pedagógico. Alguns desses elementos podem integrar uma concepção crítica. Todavia, não se ultrapassa o nível instrumental quando a noção de qualidade se funda apenas em pressupostos técnicos e se distancia dos juízos de valor, do compromisso com a justiça social, bem como das ações e dos interesses dos sujeitos que concretamente a define e adota. Encontram-se as que priorizam: desempenho satisfatório em exames nacionais; domínio de conhecimentos, habilidades, e competências que se estabeleçam previamente; emprego de tecnologias avançadas; supervalorização da competitividade e da produtividade; novos métodos de gerenciamento. (MOREIRA; KRAMER, 2017, p. 1046)

Um projeto pedagógico coerente no mundo globalizado deve procurar acompanhar discussões atinentes à realidade, tanto no plano sociocultural como no âmbito político. Nesse sentido, é viável o debate no intuito de repensar políticas públicas adequadas a estimular a produção de conhecimento e respeito às diferenças. Assim, o fortalecimento às instituições públicas se mostra muito importante a fim de garantir que todos os membros da sociedade possam ter acesso às discussões.

Em síntese, as formas assumidas pela globalização mostram-se distintas, complexas e contraditórias. Assim, parece haver espaço para que, nas práticas pedagógicas, se escolham objetivos e procedimentos, oriundos “de baixo”, dos grupos subalternizados, excluídos e marginalizados, que desestabilizem os processos hegemônicos. Pode também haver espaço para que se desafiem os modos usuais de prescrição de políticas e de promoção de mudanças nos sistemas educacionais. Pode, ainda, mostrar-se factível o redimensionamento da concepção vigente de qualidade na educação. (MOREIRA; KRAMER, 2017, p. 1043)

Na sua face reveladora das realidades mais distintas, a educação se revela como uma ferramenta de integração e inclusão das pessoas que são alvo das desigualdades sociais. É necessário elaborar um projeto pedagógico que vise à participação também dos setores mais excluídos da sociedade.

Noutra vertente, as tecnologias trazidas pelo contexto da globalização influem bastante no comportamento dos jovens. A todo o momento, eles podem obter informações e se posicionar sobre elas, bem como manter contato com as mais distintas realidades às quais elas se referem. Contudo, é preciso ver a vida além das telas. Cada vez mais temos jovens totalmente dependentes de jogos e agarrados às telas, impedindo seu contato com a realidade concreta. Outro desafio a ser enfrentado no cenário de modernidade líquida é solidificar o contato com o mundo real, sem nos mantermos presos ao mundo virtual.

Retomando a ideia da polivalência das tarefas trazidas pela globalização, os professores assumem o desafio de se qualificar também quanto ao domínio das novas tecnologias, a fim de compreender como elas influem nos comportamentos dos alunos. Desse modo, os profissionais terão condições de lidar melhor com o problema. Afinal de contas, o primeiro passo para a solução dos desafios é conhecê-los com clareza. Nesse sentido, são necessárias políticas públicas visando a uma qualificação mais sólida dos profissionais, no intuito de que eles possam preparar melhor seus alunos aos desafios da contemporaneidade.

Assim destacamos a importância do ambiente tecnológico nas aulas de Literatura. Entendemos que trabalhar o poema, a sua interpretação crítica, suas características formais e seu contexto social dentro da historiografia necessita de um “para quê?” que leve esse aluno a refletir sobre as condições sociais que nos cercam e, para que de fato haja uma mobilização por parte dos estudantes, propomos, então, esse trabalho híbrido entre o estudo do poema e a tecnologia. Da mesma maneira:

Ao nos colocarmos diante dessa realidade, olhamos um mundo totalmente globalizado, onde o computador se torna um veículo de transporte para a mente, um objeto essencial para o trabalho. As crianças e os jovens estão inseridos no mundo da mídia digital, das redes, da realidade virtual, portanto, as novas formas de relação social e os novos hábitos culturais exigem a implementação de propostas diferenciadoras que se mantenha integrada com as estratégias cognitivas e emocionais desses indivíduos (VIEIRA, 2003, p. 40).

Partindo dessa realidade, percebemos a necessidade de usar o recurso tecnológico nas aulas de Literatura. Assim, imagens, vídeos e músicas compõem alguns dos recursos que podemos utilizar e, mais que isso, podemos conduzir o aluno a uma participação ativa, levando-se em conta que o ambiente virtual é meio facilitador desse processo. Engajando, então o aluno em uma proposta de leitura e releitura da obra poética.

No próximo capítulo, apresentaremos o Produto Educacional desta dissertação.

6. PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional desta pesquisa é um caderno de atividades baseado nas aulas de Literatura, nas turmas do 1º ano do Ensino Médio. As atividades apresentadas aqui são sugestões para serem trabalhadas no estudo do gênero poético.

O caderno de atividades que se intitula “Poema? Para quê?” foi construído para auxiliar na dificuldade que apresentam os alunos do 1º ano do Ensino Médio diante do Gênero Poético. Com o intuito de trazer o poema para o cotidiano do aluno, utilizamos, como sugestão, o recurso da Tecnologia digital, uma vez que essa é a realidade do século XXI.

Os princípios teóricos que nortearam essa pesquisa basearam-se no Gênero Textual Poema, sua importância para uma visão crítica da sociedade, e sua integração à tecnologia digital, em particular a tecnologia digital móvel. Seguiremos, portanto, as perspectivas teóricas de Marcuschi (2008) sobre análise de gêneros textuais, as de Rojo (2015, 2013, 2012) sobre hipermodernidade e tecnologia, as de Bunzen e Mendonça (2013), as de Moreira e Kramer (2017) e as de Bairral *et al.* (2015) sobre a tecnologia digital.

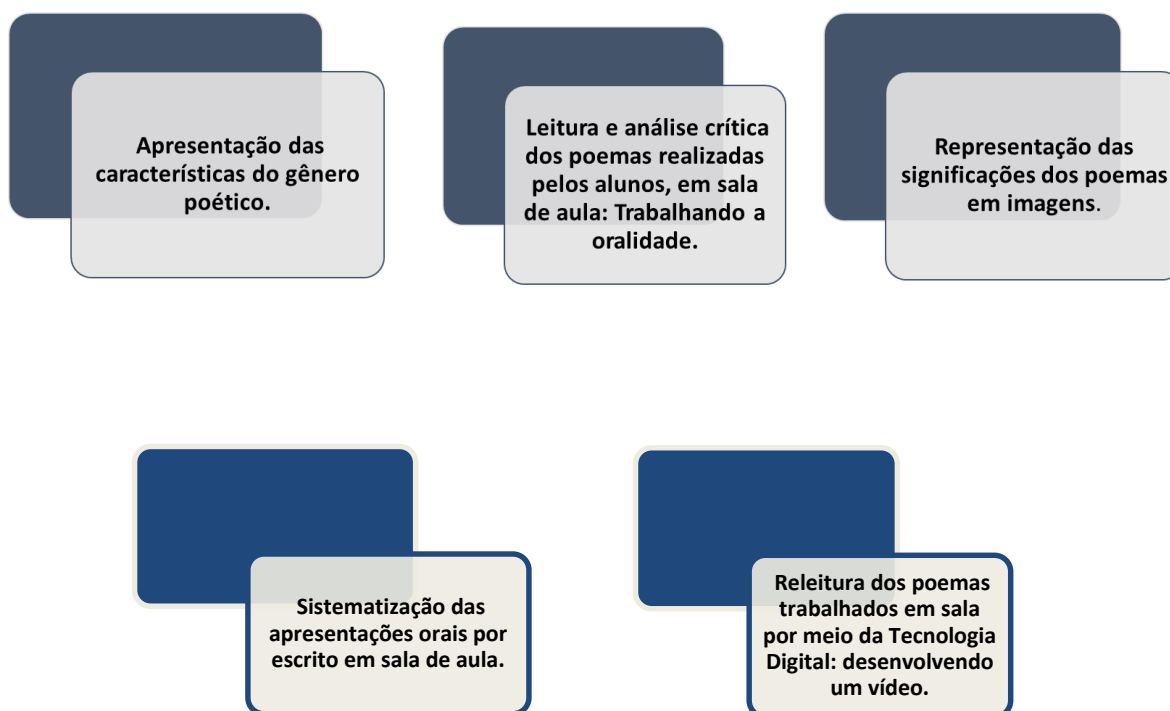
6.1 Definindo a atividade

O aluno, que chega ao Ensino Médio, depara-se com a disciplina de Literatura e com uma pluralidade de sentidos e significações dentro do poema. Com o intuito de despertar o interesse do aluno pela significação do poema é que nos baseamos para gerar as atividades realizadas aqui.

Nossas atividades envolverão, nas aulas presenciais da disciplina de Literatura, apresentação das características do Gênero Poético, o reconhecimento da linguagem conotativa do poema, a sua interpretação crítica e repercussão social. Assim, Ao iniciar o trabalho com o gênero poético, poderá ser distribuído um poema para cada aluno de um livro de poesia, podem ser utilizadas quaisquer obras, e cada aluno, então, poderá fazer a apresentação oral do seu poema em concomitância com sua análise crítica.

Os alunos deverão participar ativamente desse processo envolvidos nas seguintes atividades:

Figura 13: Sequência de atividades



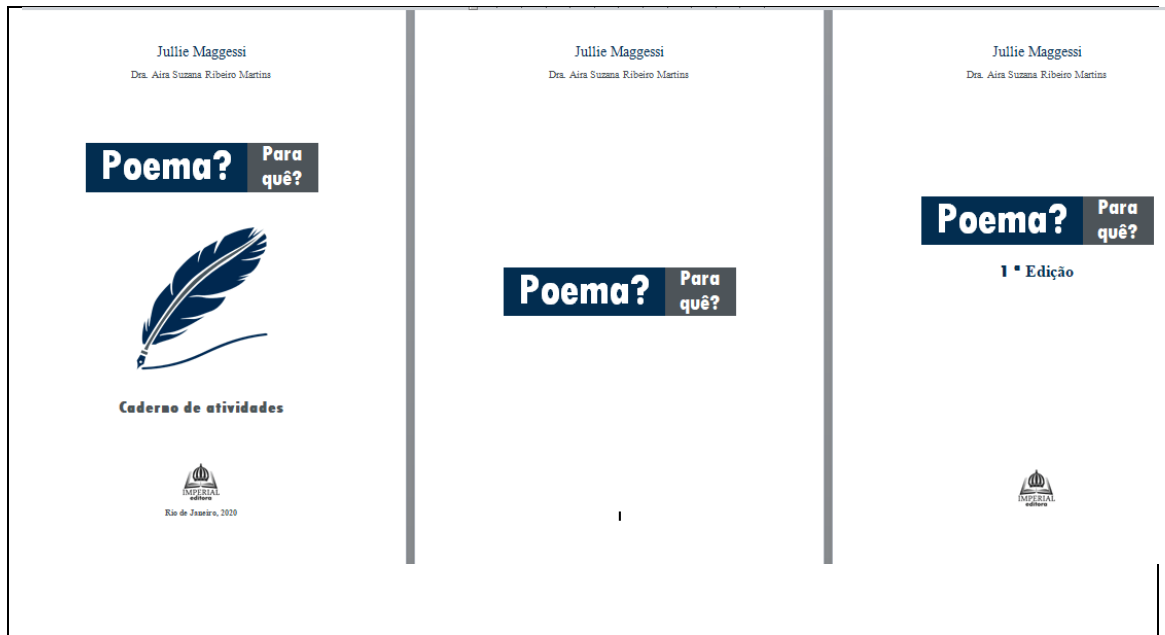
Fonte: A autora, 2020.

Inicialmente, nós, professores, direcionaremos a atividade e apresentaremos o Gênero Poético ao aluno, em um movimento unilateral em que o conhecimento se transmite da figura do professor para o aluno. Mas, na verdade, esse movimento será, como já mencionado, inicial. Afinal, o aluno provido dos conhecimentos do gênero conduzirá as atividades dali por diante. Assim, as atividades que farão parte do produto educacional serão relativas à leitura e interpretação dos poemas trabalhados em sala com o auxílio da tecnologia digital. Além disso, as atividades terão o objetivo de desenvolver a leitura crítica do aluno. O Gênero Poético, assim como os demais gêneros, é uma maneira de expressão e interação social, logo a importância de se valorizar a sua significação está fundamentada na relação social que estabelecemos uns com os outros, entendendo que “A vivencia cultural humana está sempre envolta da linguagem, e de todos os nossos textos” (MARCUSCHI, 2008, p.163).

O material do caderno de atividades proporcionará ao professor trabalhar o Gênero Poético observando a sua importância como instrumento de interação social, o hábito da leitura, as características do Gênero Poético e o seu reconhecimento utilizando-se de tecnologias digitais.

A apresentação do caderno de atividades está ilustrada nas figuras abaixo.

Figura 14: Apresentação do caderno de atividades



<p>Atividade 01</p> <p>Tema de atividade: Escreva um poema ideal?</p> <p>Objetivo: Construir uma significação a partir do poema, refletir sobre a construção do gênero.</p> <p>Recursos digitais: Computador, projetor e internet.</p> <p>Tempo: 50 min.</p> <p>Professores), ao iniciar nossas atividades, você perceberá que elas se destinam a aprofundar o conhecimento do aluno sobre o poema. Reconhecer sua estrutura, observando características como forma, tema e reflexões contidas. A atividade pode ser realizada de forma lúdica. A leitura do poema pode ser feita por grupos diferentes (individual, dupla ou tripla) de maneira tecnológica como, por exemplo, imagens de redes sociais, músicas. Com isso o que buscamos é integrar o conhecimento às várias realidades que os alunos encontram-se inseridos.</p> <p>O texto que inicia nossas atividades é um poema de Luis Fernando Verissimo, um dos mais populares escritores brasileiros contemporâneos. Famoso por suas sátiras e contos de humor, apresenta-nos com seu livro "Poesia numa hora decente?". O poema Ideal, escolhido da referência obra para esta atividade, explora o caráter metalinguístico do texto. O parâmetro das estruturas que compõem o poema produz um efeito estético e imagético capaz de despertar o interesse e a curiosidade dos alunos sobre o texto. As rimas internas e externas produzem uma sonoridade rítmica capaz de nos levar, às vezes, que não conseguimos voltar para trás no momento da leitura ideal. E será que existe ideal? O poema é ideal? A letra é ideal? O que é ideal? É esse poema ideal? O ideal é bom? O que é o ideal? Quem é ideal? Se o poema não for ideal, não podemos escrever-lo? A letra literária ou significativa, ou ainda, crítica é justamente essa falta de divisão que nos permitem uma interação dinâmica não só com o texto, mas também com nosso grupo social, com nossos alunos, com o nosso mundo.</p>	<p>Para saber mais!</p> <p>PEREIRO (1984). Poesia na sala de aula / Habber Perreiro. -1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2018.</p> <p>FIGUEROA (2010). O que é comunicação poética. 10. ed. - Curitiba, SP: Anchi Editorial, 2011.</p> <p>Ideal</p> <p>poema ideal é o que de cima para baixo e de baixo para cima quer dizer o mesmo como estar que quer dizer o mesmo de baixo para cima de cima para baixo e que é o ideal poema.</p> <p>(VERISSIMO, 2010, p. 84)</p> <p>1.1 Qual é o tema tratado no poema?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>1.2 De acordo com a letra apresentada a sua concepção de que é um poema. Para você é que é um poema?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>1.3 Qual o recurso utilizado pela letra para representar o poema ideal?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>1.4 Você concorda com esta visão apresentada pela letra?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>1.5 E para você, o que é ideal?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>1.6 Considerando sua reflexão sobre o que é ideal para você, elabore um poema, ou seja, uma estrutura em versos, que represente o que é ideal para você.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
---	---	---

"O, Bahia amantada
 O que a sua doçura amantada!
 Cui te conta, e o mal conta:
 Bahia, Bahia, amantada!"

34 Na estrofe a cima, o eu lírico usa duas imagens metafóricas para construir um panorama da cidade da Bahia do século XVII. Explique essa ideia metafórica construída no poema

35 Se pensarmos no contexto político do Brasil hoje, no século XXI, seria possível afirmar que o poema, de Gregório de Matos, retrata-o?

36 Nas duas primeiras estrofes, quais as imagens e metáforas utilizadas pelo eu lírico? A quem elas representam?

37 Para você, o contexto exposto pelo eu lírico para alguma significação?

Atividade 04

Nome da atividade A interpretação artística do poema.

Objetivo Estabelecer relações entre diferentes representações de mesmo objeto artístico.

Tempo 1 tempo de 50 min.

Professora(s) para essa atividade, é interessante ressaltar os elementos dialéticos presentes na estética barroca, relacionando-a com o poema e o vídeo. Estabelecer a relação entre eles pode levar o aluno a uma percepção mais global do que foi a escola literária e seus amores.

Imagens do vídeo do Grupo Corpo:

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Uz7f-0m9P273k4>

No esticho, que decantava a terra
 Quei Deus, que a opora está o cuidado do do
 Prope, que a vida é representada estado
 Motivos são, que decantava terra

Quem não cuida de si, que terra terra
 Que a vida faz por destino estado
 E quem lhe assiste ao destino estado
 De quem que os não desafia terra

Quem do mundo a mental insana terra
 A vontade de Deus representada estado
 Fante-se a vida em estado terra

O voz redova, que do estado terra
 Já sei, que a vida é representada estado
 Seria no fim desta jornada nada

Gregório de Matos.
 MATHIAS, 2014, p. 213

Fonte: A autora, 2020

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Isto

*“Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração*

*Tudo que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa que é linda.*

*Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!”*

(Fernando Pessoa)

Nosso trabalho direcionou-se a refletir sobre o Gênero Poético, sobre sua importância como gênero textual gerador de sentidos e significados. Percorremos um caminho híbrido utilizando as tecnologias digitais para que nosso aluno possa perceber a Literatura dentro do ambiente digital do século XXI.

Considerando-se os aspectos investigados, procuramos responder à questão de nossa pesquisa, ou seja:

Que contribuições o uso de tecnologias digitais poderá proporcionar aos alunos do 1º ano do Ensino Médio na construção da significação do poema?

Para responder a essa questão propusemos analisar em que medida o uso de tecnologias digitais poderá auxiliar os alunos do 1º ano do Ensino Médio na construção da significação do poema.

Para isso, delineamos atividades que poderão envolver percepções diversas dentro da estrutura e análise crítica do poema. As reflexões e discussões trazidas pela elaboração das atividades nos permitiram observar a relação fecunda entre o poema e a sua releitura por meio das tecnologias digitais.

As atividades elaboradas abrangem o escopo teórico e fornecem a possibilidade de responder a nossos questionamentos no estudo do gênero poético. Dispomo-nos, de maneira geral, a desenvolver as habilidades e competências leitoras dos alunos, no que se refere ao gênero poético. Para isso, lançamos mão de uma proposta de intervenção que, fundamentada nas perspectivas teóricas de Marcuschi (2008), Rojo (2015, 2013, 2012), Bunzen e Mendonça (2013), Moreira e Kramer (2017) e Bairral *et al.* (2015), busca a possibilidade de desenvolver nos alunos uma análise e interpretação crítica do poema.

Consideramos importante que o aluno desenvolva uma percepção crítica do poema. Diante dessa questão, buscamos na pesquisa teórica fundamentos que direcionassem a produção de atividades que possibilitem uma experiência exploratória e participativa do aluno ao estudar o gênero poético.

Como discutimos em nossa análise, o poema é um gênero textual com pouca ênfase no estudo de suas características formais e de seus sentidos. Muitas vezes, o estudo do poema paira na superficialidade de sua leitura, realizada de maneira mecânica, sem profundidade na reflexão crítica de sua temática. Buscando formas de demonstrar que a poesia é acessível a todos e com o objetivo de alcançar seu poder transformador, elaboramos atividades que sugerem uma proposta de trabalho que possibilitará envolver a realidade do aluno. A tecnologia digital é um recurso, uma ferramenta, que promoverá a participação ativa do aluno no estudo do poema, em nossas atividades.

Elaboramos sete atividades que se propõem a ajudar na condução do estudo do gênero poético com alunos do primeiro ano do Ensino Médio. Estruturamos essas etapas na teoria do letramento literário de Cosson (2016), cujas divisões fazem-se presentes em nossas atividades. Visamos, com isso, a direcionar um estudo que prime pela contextualização do cotidiano do aluno no estudo do gênero poético. As atividades apresentam uma proposta de trabalho que se preocupa em valorizar o poema e a sua relação cotidiana em uma sociedade tecnológica.

Entendemos que diante da proposta de atividade os alunos irão se deparar com questões que conduzirão a questionamentos desde a sua composição tipológica até as relações que criam um domínio discursivo, levando o aluno a pensar e refletir de maneira crítica. Assim, essa reflexão precisa estar inserida no contexto do aluno e para isso sugerimos, de acordo com o que

aponta Buzen (2013) sobre a relevância do ambiente digital na condução do aprendizado, um ambiente híbrido entre a tecnologia digital e o estudo do poema.

Esperamos que, ao final da aplicação das atividades sugeridas, os alunos tenham conseguido fazer reflexões direcionadas à composição estrutural do gênero poético e às críticas, voltadas a suas realidades para perspectivá-las em prol de um olhar mais significativo para sua sociedade.

Por fim, este estudo direcionou nosso olhar de docente em múltiplos questionamentos que foram propulsores no processo de elaboração das atividades por nós propostas. Nesse sentido, o desenvolvimento desta pesquisa aprimorou nosso entendimento da necessidade de se trabalhar o gênero poético, a sua inserção social como fonte transformadora do olhar crítico diante da realidade e da relevância do uso de tecnologias digitais, uma vez que a sociedade do século XXI mostra-se imersa na tecnologia digital.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. **Todos os romances e contos consagrados**: v. 2. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

AZEREDO, J. C. de. **A linguística, o texto e o ensino da língua**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

BAIRRAL, M. A.; ASSIS, A. R. de; SILVA, B. C. C. da. Uma matemática na ponta dos dedos com dispositivos touchscreen. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Curitiba, v. 8, n. 4, p. 39-74, 2015. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/1754>. Acesso em: 08 mar. 2018.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. *In*: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Ed. Papirus, 2000. p. 67-132.

BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

FERMINE, M. **A sabedoria de Confúcio, o rei sem reino**. Ilustrações Olivier Besson; tradução Fernanda Cotrim. 1. Ed. São Paulo: Scipione, 2014.

FOUCAULT, M. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Tradução: Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. 3ª ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

KRAUSE, G. B. **Conversas com um professor de literatura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ed. Ática, 2008.

LEAHY-DIOS, C. **Educação literária como metáfora social: desvios e rumos**. 2ª ed. São Paulo : Martins Fontes, 2004. – (coleção texto e linguagem).

LOPES, A. O. Aula Expositiva: Superando o Tradicional. *In*: VEIGA, I. P. A. (org.). **Técnicas de ensino: Por que não?** Campinas, SP: Papirus, 1991. p. 37-50. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade, e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZA, B.; BRITO, K. S. (orgs). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011. p. 17-32.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, A. S. R. O Poema: fonte de inspiração para a produção textual: **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro, ano 22, v.1, n. 26, p. 154-174, 2016.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S F.; GOMES, R. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 31.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOREIRA, A. F. B.; KRAMER, S. Contemporaneidade, Educação e Tecnologia. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1037-1057, out. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a1928100.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. **O método I: a natureza da natureza**. 3a. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PESSOA, F. **Poesias**. Organização de Sueli Barros Casal. Porto Alegre: L&M, 2018.

PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, R. H. R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. (org.). **Escola conectada. Os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. ; MOURA, E. (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

RIBEIRO, A. E. **Textos multimodais**. São Paulo: Parábola, 2016.

SANTAELLA, L. **Matrizes da Linguagem e Pensamento Sonora Visual Verbal**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2001.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTAELLA, L. NÖTH, W. **Imagem, cognição semiótica, mídia**. 3ª edição. São Paulo: Iluminuras. 2001.

SINGER, H. **Protagonismo, a potência da ação da comunidade escolar**. 1ª edição. São Paulo: Ashoka/Alana. 2017.

SOUZA, R. de M. e. **O romance tragicômico de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VERISSIMO, L. F. **Poesia numa hora dessas?!** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

VIEIRA, E. R. **O laboratório de informática e a sala de aula: um desafio no cotidiano escolar**. 2003. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, RJ, 2003.

VIEIRA, E. R.; LOBO DA COSTA, N. M.. O ensino de Geometria e o conhecimento profissional docente: perspectivas de mudanças com o uso de tecnologia digital. In: ENCONTRO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 6, 2014, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2014. p.1-14.

VIEIRA, E. R. **Grupo de estudos de professores e a apropriação de tecnologia digital no ensino de Geometria: caminhos para o conhecimento profissional**. 2013. 251 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Anhanguera de São Paulo, São Paulo, 2013.